

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

IVONE MARIA MALLMANN

**O UNIFORME ESCOLAR DO COLÉGIO SANTO ANTÔNIO DE ESTRELA (RS): A
MODA ENTRELAÇANDO A CULTURA ESCOLAR (1939-2005)**

**CRICIÚMA
2015**

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

IVONE MARIA MALLMANN

**O UNIFORME ESCOLAR DO COLÉGIO SANTO ANTÔNIO DE ESTRELA (RS): A
MODA ENTRELAÇANDO A CULTURA ESCOLAR (1939-2005)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, estado de Santa Catarina, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação. Orientadora: Profa. Giani Rabello.

CRICIÚMA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

M254u Mallmann, Ivone Maria.

O uniforme escolar do Colégio Santo Antônio de Estrela (RS) : a moda entrelaçando a cultura escolar (1939-2005) / Ivone Maria Mallmann ; orientadora: Giani Rabello. – Criciúma, SC : Ed. do Autor, 2015.
90 p : il. ; 21 cm.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Educação, Criciúma, SC, 2015.

1. Uniformes escolares – História. 2. Cultura escolar. I. Título.

CDD. 22ª ed. 391.04375

Bibliotecária Rosângela Westrupp – CRB 14º/364

Biblioteca Central Prof. Eurico Back - UNESC

IVONE MARIA MALLMANN

**O UNIFORME ESCOLAR DO COLÉGIO SANTO ANTÔNIO DE ESTRELA (RS): A
MODA ENTRELAÇANDO A CULTURA ESCOLAR (1939-2005)**

Criciúma, 19 de junho de 2015

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Giani Rabelo - Doutora em Educação - (UNESC) Orientadora

Prof. Dr. Carlos Renato Carola - Membro - UNESC

Prof. PhD. Luiz Salomão Ribas Gomez - Membro - UFSC

Ivone Maria Mallmann - Mestranda

AGRADECIMENTO

Ainda bem que sempre existe outro dia. E outros sonhos. E outros risos. E outras
pessoas. E Outras coisas....

-Clarice Lispector

São estas outras pessoas, família, amigos, colegas que estão comigo me
acompanhando em outro dia, realizando outro sonho...sou feliz por isso...muito
obrigada!!!

Nesta vida temos três professores importantes: o Momento Feliz, o Momento Triste e o Momento Difícil. O Momento Feliz mostra o que não precisamos mudar. O Momento Triste mostra o que precisamos mudar. O Momento Difícil mostra que somos capazes de superar.

Roberto Shinyashiki

“A ideia da uniformidade dos corpos na escola, aparentemente surgiu em escolas religiosas da modernidade. [...] Pode-se dizer que estes modos específicos em que se buscou e se busca regular a aparência e a disposição dos corpos na escola são indicativos das formas de intervenção culturais e políticas que se estabeleceram como parâmetros sociais em cada formação social”. (DUSSEL, 2000)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - As Crianças de Graham William Hogarth (1742)	23
Figura 2 - Cruzado prestando homenagem, século	27
Figura 3 - Terno 1808.....	27
Figura 4 - Terno 1930.....	27
Figura 5- Terno contemporâneo.....	27
Figura 6 - Chaplin no Filme Tempos Modernos - 1936	28
Figura 7 - Uniformes do Exército Brasileiro de 1908-18.....	29
Figura 8 - Normalistas brasileiros no início do século XX. A formação de professores tem sido tema de debates desde o século XIX. (Centro de Referência da Educação Pública da Cidade do Rio de Janeiro)	31
Figura 9 - Estudantes da Rússia no ano de 1921 – uniformes de acordo com a tradição do país – meninos com gravata.....	35
Figura 10 - Alunos da Escola Caetano de Campos, São Paulo (camisas brancas e calças ou saias pretas). (1958)	35
Figura 11– SP - Meninas de saia branca e bolsa e os meninos com suspensório (1960).....	36
Figura 12 - Saias de prega e meias $\frac{3}{4}$ (1972).....	36
Figura 13 - Alunos da rede estadual de São Paulo com calça jeans e camiseta (1988).....	38
Figura 14: Localização da cidade de Estrela.....	41
Figura 15 - Imigrantes Alemães	42
Figura 16 - Vila de Santo Antônio de Estrela.....	43
Figura 17 - Vila de Santo Antônio de Estrela.....	44
Figura 18 - Prédio da Intendência Municipal	44
Figura 19 - Prefeitura Municipal Século XXI.....	45
Figura 20 - Década de 1950 até 1971 na rua Borges de Medeiros, 282.....	48
Figura 21 - Prédio inaugurado em 1971 na rua Coronel Müssnich, 773	48
Figura 22 - Madre Madalena Damen.....	49
Figura 24 - Localização do Colégio Santo Antônio na cidade de Estrela	52
Figura 25 - Localização do Colégio Santo Antônio na cidade de Estrela	52
Figura 26:- Colégio Santo Antônio - Estrela, RS – 1939	53
Figura 27 - Colégio Santo Antônio - Estrela, RS – 1950	54

Figura 28 - Colégio Santo Antônio - Estrela, RS – 1977	54
Figura 29 - Colégio Santo Antônio - Estrela, RS – 2012	55
Figura 30 - Colégio Santo Antônio - Estrela, RS – em duas etapas 1947 e 1998	55
Figura 31 - Irmã Nazaré	57
Figura 32 - Uniformes usados em 1939	63
Figura 33 - Uniformes usados em 1951	63
Figura 34 - Uniformes usados em 1955	65
Figura 35 - Uniformes usados em 1960	65
Figura 36 - Uniformes usados em 1963	67
Figura 37 - Uniformes usados em 1963	66
Figura 38 - Uniformes usados em 1963	68
Figura 39 - Uniformes usados em 1963	68
Figura 40 - Uniformes usados em 1966	69
Figura 41 - Uniformes usados em 1967	69
Figura 42 - Uniformes usados em 1972	71
Figura 43 - Uniformes usados em 1973 – Coral os Canarinhos do CSA.....	71
Figura 44 - Uniformes usados em 1974	72
Figura 45 - Uniformes usados em 1988	73
Figura 46 - Uniformes usados em 1990	74
Figura 47 - Uniformes usados em 1990	75
Figura 48 e 49 - Uniformes usados em 1993	76
Figura 50 e 51- Uniformes usados em 1995	76
Figura 52 - Uniformes usados em 1997	77
Figura 53 - Retrospectiva dos uniformes do Colégio Santo Antônio até 1997.	78
Figura 54 - Retrospectiva dos uniformes do Colégio Santo Antônio até 1997.	78
Figura 55 - Uniformes usados em 2005	79

LISTA DE ABREVIACOES E SIGLA

AEPAN	Associação Estrelense de Proteção ao Ambiente Natural
CEED	Conselho Educacional de Educação do Rio Grande do Sul
CRE	Coordenadoria Regional de Educação
CSA	Colgio Santo Antônio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
UCS	Universidade de Caxias do Sul
Unesc	Universidade do Extremo Sul Catarinense
Univali	Universidade do Vale do Itajaí

SUMÁRIO

RESUMO	12
ABSTRACT	13
1 INTRODUÇÃO	14
2 HISTÓRIA DA MODA, DOS UNIFORMES E DO UNIFORME ESCOLAR	20
2.1 HISTÓRIA DA MODA	20
2.2 HISTÓRIA DOS UNIFORMES	26
2.3 HISTÓRIA DO UNIFORME ESCOLAR.....	30
2.3.1 <i>História do uniforme escolar no Brasil</i>	31
2.3.2 <i>Obrigatoriedade do uniforme escolar</i>	37
3 TRAJETÓRIA DO COLÉGIO SANTO ANTÔNIO NA CIDADE DE ESTRELA (RS)	41
3.1 ESTRELA E SUA COLONIZAÇÃO.....	41
3.2 A EDUCAÇÃO EM ESTRELA	46
3.3 A CONGREGAÇÃO FRANCISCANA EM ESTRELA (RS) E O COLÉGIO SANTO ANTÔNIO DE ESTRELA (RS): LÓCUS DO ESTUDO.....	49
4 O UNIFORME ESCOLAR DO COLÉGIO SANTO ANTÔNIO DE ESTRELA (RS): A MODA ENTRELACANDO A CULTURA ESCOLAR	58
4.1 O UNIFORME DO COLÉGIO SANTO ANTÔNIO FAZENDO PARTE DA CULTURA ESCOLAR.....	59
4.2 COMO O COLÉGIO SE APROPRIA DO UNIFORME NOS DIFERENTES CONTEXTOS.....	60
5 CONCLUSÃO	81
REFERÊNCIAS	84

RESUMO

Esta dissertação tem o intuito de apresentar os resultados de uma pesquisa que teve como objetivo realizar um estudo histórico dos uniformes escolares, entre os anos de 1939 a 2005, tendo como lócus o Colégio Santo Antônio, situado no município de Estrela/RS, destacando o uniforme como um produto da moda fazendo parte da cultura escolar desta instituição. Com o propósito de abordar tal problemática foram explicitadas questões como: Quais tendências da moda são observadas na evolução dos uniformes escolares do Colégio Santo Antônio de Estrela/RS? Que alterações ocorreram no uniforme escolar da instituição, entre 1939 a 2005? Qual o reflexo destas mudanças na cultura escolar? Como caminho para construção das respostas às questões, buscou-se referências no campo da História da Educação, em especial nas discussões sobre cultura escolar, como também na moda e suas relações com o contexto social e histórico. O estudo foi realizado na perspectiva da História Cultural onde o indivíduo está inserido na sociedade e interage com os demais, expressando seus sentimentos e suas vontades. Concomitante à pesquisa bibliográfica, foram analisados documentos textuais e iconográficos referentes ao período em questão. Ao final deste trabalho pode-se concluir que os uniformes escolares não podem ser vistos como neutros, pois agregam valor e são fundamentais para a expressão da cultura escolar, já que representam um conjunto de sinais, atitudes e comportamentos de alunos/as e do sistema educacional além de sofrerem influências da moda. As reflexões efetuadas, a partir deste estudo, indiciam que os vários modelos de uniforme escolar adotados no Colégio Santo Antônio de Estrela (RS) desempenharam uma função padronizadora importante, mesmo se tratando de uma escola que atendia uma elite local. Além disso, serviu para dar visibilidade e destaque a uma instituição social que ensinava ser respeitada na cidade de Estrela. Certamente, as tantas mudanças no uniforme escolar ocorreram com o intuito de manter e fortalecer o prestígio social do Colégio Santo Antônio. Portanto, por meio das mudanças ocorridas nos modelos dos referidos uniformes é possível observar que a moda entrelaçou a cultura escolar na trajetória do Colégio Santo Antônio de Estrela (RS).

Palavras-chave: Uniforme Escolar. Cultura Escolar. História da Educação. Moda.

ABSTRACT

This paper aims to present the results of a research about a historical study of school uniforms between years 1939-2005, with the locus in the Colegio Santo Antonio, located in the municipality of Estrela / RS, highlighting the uniform as a fashion product as part of the school culture of this institution. For the purpose of approach these problems were explained issues such as: What fashion trends are observed in the evolution of school uniforms of College Santo Antonio in Estrela/RS? What changes have occurred in the school uniform of the institution between 1939-2005? Which are the reflect of these changes in school culture? As a way to build the answers to this questions, it was research references in the field of History of Education, especially in discussions about school culture, but also in fashion and its relationship with the social and historical context. The study was conducted from the perspective of a cultural history where the individual is in society and interacts with others, expressing their feelings and their wishes. With the literature, were analyzed textual and iconographic documents for the period in question. At the end of this work is possible to concluded that school uniforms can not be seen as neutral, since put value and are essential to the expression of school culture, as they represent a set of signs, attitudes and behaviors of students and the system educational besides suffering the fashion influences. The reflections made from this study indicate that the various school uniform models adopted in Santo Antonio College in Estrela (RS) had an important and normalizing function, even when dealing with a school that served a local elite. Also, it served to give visibility and prominence to a social institution that wanted to be respected in the town of Estrela. Indeed, many changes occurred in school uniform in order to maintain and strengthen the social prestige of the College of Santo Antonio. Therefore, through changes in the models of uniforms mentioned you can see that the fashion gone with the school culture in the trajectory of the College of Santo Antonio, in Estrela (RS).

Keywords: School Uniform. School culture. History of Education. Fashion.

1 INTRODUÇÃO

O uniforme escolar sofreu diversas modificações e influências da moda ao longo dos anos. Sua história inicia a partir do surgimento da escola moderna no século XVII com o objetivo de disciplinar, organizar, identificar e garantir a segurança dos alunos e alunas através das vestimentas no ambiente escolar. No Brasil a utilização do uniforme escolar iniciou com a República e foi inspirada nos modelos do Exército, com o mesmo propósito das escolas europeias. A este respeito, Lonza (2005, p. 17) destaca que:

Os uniformes ou fardas sempre estiveram ao longo da História da Humanidade com o objetivo de marcar a identidade própria ou particular de grupos, categorias, tribos, associações, clubes, agremiações, times, classes sociais, estudantes de determinada escola.

Conforme definição do Dicionário da Moda (SABINO, 2007, p. 446), a moda “reflete a maneira passageira de se vestir e de se comportar em determinada época”. Observa-se, assim, que a indústria da moda sempre influenciou a maneira das pessoas se vestirem e, no contexto escolar, não foi diferente, sobretudo, como forma de amenizar as diferenças sociais, presentes no meio escolar.

Com base nas afirmações acima, a presente dissertação tem por objetivo fazer o estudo histórico dos uniformes escolares entre os anos de 1939 a 2005, tendo como lócus o Colégio Santo Antônio, situado no município de Estrela/RS, destacando o uniforme como produto da moda e parte da cultura escolar desta instituição.

Com o propósito de abordar tal problemática foram explicitadas algumas questões, a saber: Quais tendências da moda são observadas na evolução dos uniformes escolares do Colégio Santo Antônio de Estrela/RS? Que alterações ocorreram no uniforme escolar da instituição, entre 1939 a 2005? Qual o reflexo destas mudanças na cultura escolar?

Como caminho para construção das respostas às questões, buscaram-se referências na História da Educação, em especial no conceito de cultura escolar, como também na moda e suas relações com o contexto social e histórico. O estudo foi realizado na perspectiva da História Cultural que entende o indivíduo inserido na

sociedade, interagindo com os demais, expressando seus sentimentos e suas vontades.

Neste sentido, este estudo tem bases culturais que segundo Pesavento (2008, p.12) diz que “a História Cultural veio valorizar o – e dar esforço ao – papel do historiador, que, munidos de conceitos que lhes permitem realizar escolher e recortes da realidade passada, selecionam temas e os constroem como objetos, problematizando-os, ao levantar questões e formular problemas”.

Assim, concomitante ao levantamento e estudo bibliográfico sobre o tema, foram analisados documentos textuais e iconográficos Colégio Santo Antônio de Estrela/RS, bem como documentos de algumas pessoas que foram alunos e alunas da referida instituição. Além disso, foram analisadas determinadas obras sobre a história e colonização do município de Estrela juntamente com a chegada das Irmãs Franciscanas e a fundação do Colégio Santo Antônio de Estrela/RS. O recorte do estudo abarcou o período de 1939 a 2005, por encontrar fontes relevantes de estudo para esta pesquisa.

A definição do tema desta dissertação foi motivada pelo interesse pessoal e formação acadêmica da pesquisadora na área da moda¹ associada aos propósitos da Linha de Pesquisa Educação, Linguagem e Memória do Programa de Pós-Graduação em Educação/UNESC. Esta formação e a experiência profissional neste campo contribuíram para aguçar o olhar no sentido de perceber que é visível a relação entre a moda e a educação, sendo retratada no design e nos tecidos dos uniformes escolares adotados pelas instituições de ensino.

Trata-se de um tema relevante, pois remete a uma visão mais ampla de como as alterações nos uniformes escolares decorrem das mudanças constantes da moda e assim influenciando e transformando o ambiente escolar compreendido aqui como Cultura Escolar.

Também justifica a escolha do tema da pesquisa, as lembranças sobre os uniformes resultantes de minha trajetória escolar. Lembro-me que no ano 1964, no Grupo Escolar de Subúrbios², o meu primeiro uniforme foi um guarda-pó branco. Em 1971 ingressei na escola estadual denominada Ginásio Industrial e lá o uniforme era

¹Curso Moda e Estilo iniciado na Universidade de Caxias do Sul (UCS) no ano de 2000 e concluído em 2007, na Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) em Balneário Camboriú/SC.

²O Grupo Escolar de Subúrbios, no Bairro Oriental, iniciou suas atividades nas dependências do Colégio Martin Luther, mas a criação oficial se deu pelo Decreto nº 13.961, de 11/08/1962. <http://www.nossadica.com.br/historiaa.html>

mais moderno composto por uma saia de tergal verde musgo, camiseta em malha branca com o emblema da escola, além do blusão vermelho para uso no inverno. Para cursar o ensino médio, ingressei no Colégio Santo Antônio, instituição de caráter particular e confessional, foco desta pesquisa. Nesse colégio eu estudava à noite, período em que o uso do uniforme não era exigido, sendo comum nos anos de 1970 o uso da calça *jeans* e camiseta.

A partir desse breve relato de minha trajetória escolar, ficam evidentes as mudanças ocorridas nos uniformes escolares. No entanto, hoje eles estão mais despojados, confeccionados em malha, calça comprida, camisetas e jaquetas.

Essa interferência da moda nos uniformes escolares sempre existiu, seja por meio das formas, das cores ou dos tecidos. Entretanto, estas alterações nem sempre foram aceitas por todos os colégios, principalmente os mais tradicionais. Sobre isso, Lonza (2005, p.23) aponta que, "enquanto as saias ficavam mais curtas no mundo real, a rigidez obrigava as alunas a se vestirem como no século XIX. Mostrar os braços e o colo, nem pensar. Saias somente abaixo do joelho", porém o autor salienta que, "[...] esses colégios que não acompanhavam a flexibilidade da moda no mundo, se tornaram com o tempo, obsoletos justamente no ponto que mais se orgulhavam: o próprio nível de ensino" (LONZA, 2005, p.23). Essa inflexibilidade de algumas escolas foi mais impactada nos anos de 1960, quando surgiu o *jeans*, pois, segundo Lonza (2005, p. 23):

[...] enquanto os alunos eram obrigados a vestirem calças de tergal azul-marinho, aqui fora a moda extrapolava e subvertia toda uma maneira de ser e de se portar. [...] os dois mundos entraram em choque, houve um impasse [...] e os colégios tiveram que ceder.

Ainda de acordo com o autor, com o aparecimento da *helanca*³ e seus benefícios, as escolas tiveram a oportunidade de acompanhar as mudanças da moda jovem na confecção dos uniformes escolares. As mudanças ocorreram com mais intensidade nos anos de 1970 e 1980, época em que as escolas aderiram ao uso dos agasalhos esportivos como uniforme escolar. Isto possibilitou o uso do *short*, de bermudas, da calça comprida, dos tênis e dos sapatos de vários tipos pelos meninos e meninas, inclusive a calça *jeans* e a camiseta de malha passaram a fazer parte do uniforme escolar (LONZA, 2005).

³*Helanca*: "marca de fantasia de um fio enrugado e elástico da Herbelein Patent Corporation, utilizado desde meados do século XX em tecidos que precisam de elasticidade" (O'HARA, 1999, p. 140).

Neste contexto, nota-se que a instituição escolar, no seu cotidiano, está imersa em relações contínuas imbuídas em um contexto histórico, produzindo uma cultura própria, ou seja, uma “cultura escolar”. Uma vez que toda escola, mediante suas atividades, produz cultura e também história, dela faz parte a “cultura material escolar”.

Assim, Vinão-Frago (1995) observa que a cultura escolar refere-se ao conjunto de aspectos institucionalizados do cotidiano do fazer escolar, aos modos de pensar, aos objetos escolares, à materialidade física, enfim, a cultura escolar corresponde a toda vida escolar. Portanto, por cultura escolar entende-se como sendo as ideias, as normas, os hábitos e as tradições interpretadas e perpassadas pelos professores, orientadores, educadores e alunos. Já a cultura material escolar compreende o espaço físico da escola e os objetos, que ao serem incorporados às práticas escolares carregam significados e valores, pois são produções culturais isentas de neutralidade.

Entre os objetos/utensílios que constituem a escola moderna e sua cultura, o uniforme caracteriza-se como um dos elementos da sua materialidade e, certamente, faz parte das lembranças de muitos que passaram por este ambiente durante a infância, adolescência e juventude.

Importante lembrar que o “bem estar” do indivíduo na sociedade capitalista contemporânea está associado não só ao meio em que vive, mas também em suas relações sociais e à roupa que usa que é ditada pela indústria da moda. O uniforme escolar não pode ser visto dissociado deste processo, pois é também uma mercadoria. Portanto, os uniformes ganham novos modelos e são resultantes desta indústria, indo além da ideia de que são apenas dispositivos disciplinares, formas de identificação e segurança, ou seja, são também marcadores sociais e, além disso, suscetíveis a intervenções e alterações por parte daqueles que o usam.

Sendo assim, existe uma relação recíproca que se dá entre a cultura material escolar acompanhada de seus artefatos e a cultura juvenil. Entende-se por cultura juvenil, um conjunto de atividades, atitudes, comportamentos que são identificados numa categoria social e historicamente definida que é a juventude. Sendo vivida de modo distinto segundo condições econômicas, culturais, étnicas e sociais. (CHAIM JUNIOR, 2007).

Partindo do pressuposto de que o uniforme faz parte da cultura escolar e que, portanto, é apropriado pelos alunos e alunas, pode-se entender que esta

apropriação, segundo Certeau (1998), é o consumo cultural vista como uma operação de produção que, mesmo não fabricando nenhum objeto, impõe sua presença a partir das maneiras de usar os produtos que estão a sua disposição. Ainda de acordo com o autor, não é o indivíduo o centro e o foco de análise, mas a relação social que determina o indivíduo e, assim, constitui-se a partir de suas práticas sociais. O local que os indivíduos atuam transforma-se na pluralidade de vivência social. Certeau diz também (1998, p.41) que:

[...] a presença e a circulação de uma representação, ensinada como o código da promoção socioeconômica (por pregadores, por educadores ou por vulgarizadores) não indica, de modo algum, o que ela é para seus usuários. É ainda necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricaram.

Esta manipulação dos objetos, citada por Certeau, remete às transformações realizadas pelos estudantes nos uniformes das instituições de ensino que os implantaram com o intuito de promover, principalmente, a disciplina. Segundo Foucault (2007, p.119):

A disciplina fabrica assim, corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui estas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; [...] Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre aptidão aumentada e uma dominação acentuada.

O texto desta dissertação foi organizado de forma a explicitar as várias aproximações do objeto de estudo: o uniforme escolar do Colégio Santo Antônio de Estrela/RS, entre 1939 a 2005.

No primeiro capítulo, é apresentada uma discussão sobre as bases conceituais da moda, com o intuito de compreender e situar a história dos uniformes, bem como a história do uniforme escolar no Brasil e a sua obrigatoriedade. Ao conceituar a moda, procurou-se compreender como ela participa e interage na sociedade, na vida das pessoas, na escola, nos uniformes e, principalmente, nos uniformes escolares.

Em seguida, é relatada a trajetória do Colégio Santo Antônio de Estrela/RS enquanto lócus da pesquisa, onde aspectos históricos da instituição, da

Congregação Franciscana e da Cidade de Estrela/RS são apresentados e problematizados.

Na sequência, a discussão remete à problematização das tendências da moda na relação com as mudanças dos uniformes do Colégio Santo Antônio de Estrela, aqui visto como parte da cultura escolar. É igualmente discutida a forma como o Colégio se apropria dos uniformes nos diferentes contextos. Por último, apresento as considerações finais deste estudo.

2 HISTÓRIA DA MODA, DOS UNIFORMES E DO UNIFORME ESCOLAR

Este capítulo apresenta uma discussão sobre as bases conceituais da moda, com o intuito de situar a história dos uniformes, bem como a história do uniforme escolar no Brasil, e sua obrigatoriedade. Conceituar a moda implica em compreender como ela participa e interage na sociedade, na vida das pessoas, nos uniformes e, principalmente, nos uniformes escolares, objeto deste estudo.

2.1 HISTÓRIA DA MODA

Importante lembrar que o vestuário serve como comunicação e não apenas para cobrir o corpo das intempéries do tempo e tão pouco para ocultar a nudez. Ele é, acima de tudo, um artifício inventado para comunicar, sendo aquilo que se quer comunicar intrinsecamente relacionado aos aspectos culturais da comunidade em que se insere (ECO, 1989).

De acordo com Marques (2003), a moda é o uso ou hábito, geralmente variável no tempo, resultante de determinado gosto ou ideia e das interferências do meio. Refletem os costumes, os valores da sociedade em um determinado espaço de tempo. Desta forma, moda é constituída pela mudança constante na forma de viver, agir, de estilos de vida e da necessidade de conquistar ou manter novos espaços, na sociedade e também para fortalecimento da própria personalidade. Para Lipovetsky (2007, p. 24), “a moda é considerada um dispositivo social caracterizado por uma temporalidade particularmente breve, por reviravoltas mais ou menos fantasiosas, podendo, por isso, afetar esferas muito diversas”.

A história da criação humana é instigante e nos leva a investigar e desvendar as origens, costumes, hábitos e o estilo de vida de nossos antepassados. O homem primitivo, *Homo Sapiens*, cobria o corpo com peles de animais como forma de sobrevivência e de defesa, pois seu *habitat* natural não lhe dava a segurança e nem o conforto necessário para protegê-lo das intempéries, estando continuamente em contato direto com os rigores da natureza. Segundo Laver (1999,p. 8-9):

Os animais foram mais afortunados, e o homem primitivo logo percebeu que podia caçá-los e abatê-los não só pela carne, mas também por suas peles. O uso de peles apresentava dois problemas. Meramente colocada nos ombros, a pele de um animal não só tolhia os movimentos como deixava exposta parte do corpo. Ele, portanto, precisava dar-lhe forma de algum modo, mesmo que a princípio, não tivesse meios para isso. O segundo problema é que as peles dos animais, à medida que secam, tornam-se difíceis de tratar. Era necessário descobrir um meio de torná-las macias e maleáveis; o mais simples é uma laboriosa mastigação.

Ainda segundo Laver (1999, p.7), a roupa na maior parte da história, seguiu duas linhas distintas, onde há uma divisão óbvia aos olhos modernos, entre a vestimenta masculina e feminina, calças e saias. Por muitos anos, a efemeridade no vestir era inexistente, homens e mulheres não se distinguiram pela forma das roupas, não havendo fantasia e, conseqüentemente, as novidades eram mínimas.

Os precursores da civilização ocidental: Sumérios, Assírios, Babilônios, Persas, Egípcios, Cretenses, Gregos, Romanos e Bizantinos e seus processos rudimentares fazem parte das Eras dos Costumes, período anterior ao século XIV, que nos deixou um legado rico em detalhes. A partir deles, começamos a explorar nossa criatividade, surgindo assim as primeiras demonstrações de indumentária que caracterizaram os povos e que contribuíram para a trajetória da humanidade. Para Lipovetsky (2007, p.23):

Durante dezenas de milênio, a vida coletiva se desenvolveu sem culto das fantasias e das novidades, sem a instabilidade e a temporalidade efêmera da moda, o que certamente não quer dizer sem mudança nem curiosidade ou gosto pela realidade do exterior. Só a partir do final da idade Média é possível reconhecer a ordem própria da moda, a moda como sistema, com suas metamorfoses incessantes, seus movimentos bruscos, suas extravagâncias [...] a moda nasceu.

Neste sentido, a moda, inicialmente, não tem caráter próprio, e sim depende de fatores sociais, econômicos e até políticos, havendo um conservadorismo pelas tradições ligadas ao passado, vive-se uma época onde a vestimenta baseia-se em costumes, modos de viver e agir das comunidades, não havendo distinção entre a roupa feminina e masculina.

Com as mudanças ocorridas a partir da ascensão da burguesia, a economia em expansão, o comércio e os bancos em desenvolvimento, os “novos ricos”, como foram chamados, iniciaram um novo modo de viver, possibilitando a aquisição de mercadorias e tecidos vindos da França, Alemanha, Itália, Espanha entre outros países, o que permitiu vestirem-se como os nobres. Portanto, as

mudanças nas roupas começam a acontecer na segunda metade do século XIV, tanto masculinas como femininas, adquirindo novos formatos. Neste sentido, surge algo que podemos chamar de moda. (LAVIER, 1999). A este respeito, Lipovetsky define que (2007, p.25):

Da metade do século XIV à metade do século XIX é a fase inaugural da moda, onde o ritmo precipitado das frivolidades e o reino das fantasias instalaram-se de maneira sistemática e durável. A moda já revela seus traços sociais e estéticos mais característicos, mas para grupos muito restritos que monopolizam o poder de iniciativa e de criação. Trata-se do estágio artesanal e aristocrático da moda.

Com a proximidade dos burgueses na área urbana e com as suas vestimentas sendo copiadas, os nobres logo inventavam algo novo para se vestirem, com novas formas, novos tecidos e aviamentos, dando início a engrenagem que movimentava o comércio, surgindo a moda que perpetua até os dias de hoje, onde a mudanças são constantes e a busca pelo novo é permanente. De acordo com Sabino (2007, p. 446):

A moda é cíclica, é também sinônimo do conjunto de fatores que envolvem beleza, interesses, consumismo, vaidade, dinheiro, poder, preconceitos, distinções e frustrações. Corresponde também ao desejo constante de renovação visual e, em seu início, sempre foi ligada à aristocracia e às elites.

A moda foi feita para homens e mulheres, masculino e feminino adultos, sem diferenciação para a indumentária infantil. Os estudos mostram que na Idade Média, as crianças, assim que iniciavam seus primeiros anos de aprendizado, começando o domínio da fala e da leitura e das suas principais funções como, alimentavam-se, vestiam-se e já estavam inseridas no mundo dos adultos e, portanto, vestindo-se de maneira semelhante, já que na época, a moda era ditada pelos costumes e hábitos da comunidade, sociedade, o meio onde viviam.

A criança era vista como um adulto em miniatura, assim suas vestimentas eram iguais as dos adultos, distinguindo-se apenas no tamanho. Segundo Airés (1981, p.43), a criança era retratada como aprendiz de um ourives, de um pintor, ou na escola, um tema frequente e antigo, que remontava ao século XIV e que não mais deixaria de inspirar as cenas de gênero até o século XIX.

Airés (1981) diz ainda que essas cenas de gênero, em geral, não consagravam a descrição exclusiva da infância, mas muitas vezes tinham nas

crianças suas protagonistas principais ou secundárias. Isso nos sugere duas ideias: primeiro a de que na vida cotidiana as crianças estavam misturadas com os adultos, e que na reunião para o trabalho, o passeio ou o jogo, crianças e adultos viviam juntos em suas relações. Desse modo, pode-se afirmar que as roupas das crianças eram cópias fiéis das dos adultos, como retrata a figura 1, na qual não há distinção entre as roupas infantis e de adultos.

Figura 1 - As Crianças de Graham William Hogarth (1742)



Fonte: Laver (1999, p.134)

A criança transformada em adulto muito precocemente nos reporta aos estudos de Rousseau que chamou a atenção para as necessidades da criança e as condições de seu desenvolvimento. Com um olhar inovador sobre o desenvolvimento da criança, Rousseau nos apresenta uma forma moderna de ver a infância e nos diz que a educação não vem de fora, é a expressão livre da criança no seu contato com a natureza, necessitando de cuidados especiais no seu espaço.

As crianças não podem ser comparadas a adultos, pois tem características próprias, tanto físicas como psicológicas e a aceleração do processo pode comprometer o seu desenvolvimento, pois existem fases da vida que devem ser consideradas: infância, adolescência, juventude e maturidade.

Em seu livro, *Emilio ou da Educação*, Rousseau defende a ideia de que a educação é um processo espontâneo e que há necessidade da criança viver em

contato com a natureza, que as roupas infantis devem ter características próprias para a sua idade. Rousseau (1995 p. 122) salienta que:

[...] os membros de um corpo que cresce devem estar todos à vontade nas roupas; nada deve perturbar seus movimentos, nem seu crescimento, nada, portanto de muito ajustado que cole no seu corpo; nada de ataduras. [...] O que se pode fazer de melhor é deixá-la de jaqueta o mais possível, depois dar-lhe uma roupa bem folgada, e não procurar acentuar-lhe a cintura, o que só serve para deformá-las.

Sobre as vestimentas ele ainda afirma:

Há cores alegres e cores tristes: as primeiras são mais do gosto das crianças; assentam-lhes melhor também e não sei por que não atender, nisso, a conveniências tão naturais; mas, a partir do momento em que preferem um tecido por ser rico, já seus corações estão entregues ao luxo e a todas as fantasias da opinião; e tal gosto não lhes veio por certo de si mesmas. Não se imagina quanto a escolha das roupas e as razões da escolha influem na educação. Não somente mães cegas prometem aos filhos adornos como recompensa, até insensatos governantes ameaçam seus alunos, como castigo, com vestimentas mais grosseiras e mais simples. Se não estudardes melhor se não conservardes mais cuidadosamente vossas roupas, tereis de vestir-vos como um camponesinho. É como se lhes dissessem: Sabei que o homem só vale por sua roupa, que vosso valor esta nas vossas. Será de se espantar que tão sábias lições impressionem a juventude, que ela só venha a estimar o ornato e que só julgue do mérito pela aparência exterior? (ROUSSEAU, 1995 p.123).

Rousseau vislumbrou que o consumismo e a idolatria pelo poder, pela aquisição do supérfluo e pela recompensa para atingir um objetivo poderia direcionar o futuro de uma criança.

Já os adultos da época, viveram durante muitos séculos sem entender que existe um jogo de conquista, de frivolidade e sedução que envolve a maneira de vestir e que somente no Renascimento e Idade Moderna, com o início da moda propriamente dita, é que essa efervescência de estilos e modos de se portar envolveu a população. Esse envolvimento das pessoas com o novo, ganha força no período do Renascimento onde novos pensamentos e ações são exercidos, tornando um novo direcionamento na forma de ver o mundo que já não é mais teocrático e sim o homem ganha força é se torna o centro das atenções, em oposição ao período anterior.

A partir dessas mudanças de comportamento, a roupa se torna um objeto de distinção social, onde as trocas são realizadas com maior frequência, pois os burgueses, ora mais abastados, imitam os nobres, configurando numa “tendência” o

que acontece desde então, acelerando a economia e povoando o comércio com inovações, transformando os padrões sociais no decorrer dos séculos.

O gosto pelo novo transforma a moda em produto de sedução, onde, segundo Lipovetsky (2007, p.159), “pode-se caracterizar empiricamente a sociedade de consumo por diferentes traços: elevação do nível de vida, abundância das mercadorias e dos serviços, culto dos objetos e dos lazeres, moral hedonista⁴ e materialista”.

As transformações na moda acompanham toda uma necessidade subjetiva imposta pela sociedade, resultando em pesquisas para novas formas, cores e acessórios onde os estilistas têm a oportunidade de aperfeiçoar sua criatividade, explorando em cada coleção, um novo conceito, seguindo a sua inspiração e produzindo para grupos, classes, segmentos diferentes. O bem estar dos indivíduos numa sociedade contemporânea está associado ao meio em que vive e a roupa que usa.

Nas palavras de Vincent-Ricard (1989, p. 14): “A moda, com a renovação constante de seus produtos, tende a viver o efêmero e a perder o senso de continuidade e permanência.” Considerando que a Moda é volúvel, de renovação constante, deduz-se que moda é, segundo Lipovetsky (2007, p.24) “[...] considerada um dispositivo social caracterizado por uma temporalidade particularmente breve, por reviravoltas mais ou menos fantasiosas, podendo, por isso, afetar esferas muito diversas da vida coletiva”.

No âmbito desta discussão, Lima (2008) diz que moda é estilo de vida, manifestando a classe social ou a “tribo” de que faz parte um indivíduo, pois incorporada ao cotidiano, define o “gosto” dos seus membros. Já Souza (1996, p.29) define moda como:

[...] um todo harmonioso e mais ou menos indissolúvel. Serve à estrutura social, acentuando a divisão em classes; reconcilia o conflito entre o impulso individualizador de cada um de nós (necessidade de afirmação como membro de um grupo); exprime ideias e sentimentos, pois é uma linguagem que traduz em termos artísticos.

Assim, neste processo de mudanças das vestimentas, em que homens e mulheres vêm desenvolvendo e aprimorando a sua criatividade na criação de novos

⁴A moral hedonista consiste em identificar a virtude com o prazer e em afirmar que não há outro bem senão o prazer, e outro mal senão a dor. (FERRATER MORA, 1993).

produtos, o uniforme ocupa um lugar respeitável. Por isso a necessidade de problematizar sua finalidade, como produto da moda fazendo parte da cultura escolar.

2.2 HISTÓRIA DOS UNIFORMES

É certo que homens e mulheres, desde o início das civilizações, vivem em bandos, comunidades, tribos e se relacionam com grupos e com a coletividade, pois não conseguem viver sozinhos. Com o tempo, esses grupos e tribos passaram também a se identificar através de suas vestimentas: o tipo de animais de cada região moldou as roupas com as quais eles se defendiam do frio, do calor, da chuva, da neve e da umidade. Essas tribos, com o passar do tempo, criaram uma identificação própria para se destacarem das demais, acarretando um processo de uniformização que são usados como distintivo de categorias, classes, dando sobriedade e seriedade a um grupo de pessoas, diferenciando-as das demais, imbuindo um sentimento de pertencimento a determinado grupo.

Segundo o Dicionário Aurélio (2010), uniforme é adjetivo de que só tem uma forma, que não varia, é semelhante, análogo, idêntico. Sinônimo de "traje comum a toda uma categoria; farda; uniforme escolar". Sabino (2007, p. 606) fundamenta que:

Uniforme é vestuário padronizado e distintivo usados por integrantes de uma determinada categoria, como militares, escolares ou alguns profissionais como atletas, jogadores, de futebol, motoristas, garis entre outros. As diferentes ordens religiosas também têm uniformes distintos e o termo é considerado o uniforme dos homens de negócios. Os uniformes geralmente qualificam e servem de identificação social.

O uniforme, assim denominado, é utilizado como uma forma de identificação de um grupo, caracterização de uma pequena comunidade. Seu uso obrigatório – ou não – contrapõe-se com a segurança que ele deve passar, independente da classe que o está vestindo. Mais do que um simples dito de moda que pode ou não representar alguma inovação, ele é característico e serve para o reconhecimento de um todo. Outro objetivo do uniforme é apontado por Corazza (2004, p.55) quando ele afirma que:

Os uniformes também podem ser farda ou fardamento, pode ser entendido como aquilo que possui apenas uma forma. Neste caso como um vestuário padronizado de uso regular de uma corporação, classe ou instituição, elaborados para tornar quem o usa igual, semelhante ou idêntico.

Ao analisarmos a origem, encontramos uma história que antecipa a moda propriamente dita, quando nos deparamos com as vestimentas dos exércitos orientais, a beleza e riqueza das armaduras dos soldados que participaram das cruzadas, por exemplo.

Figura 2 - Cruzado prestando homenagem, século XIII



Fonte: Laver (1999, p.56).

Com o passar dos séculos e a evolução do modo de vestir, a roupa já com a distinção entre homens e mulheres, sofre transformações radicais, onde calças e casacos ganham formas e tecidos até chegarmos ao século XIX, com a evolução da indústria.

Figura 3 - Terno 1808



Fonte: Laver (1999, p. 159).

Figura 4 - Terno 1930



Fonte: Almostfashion (2010)

Figura 5- Terno contemporâneo



Fonte: Almostfashion (2010)

Nota-se que os uniformes fazem parte das mais diversas categorias e classes, dando distinção, notoriedade, e sendo uma forma de hierarquia, um diferencial que demarcava o país que cada um defendia, podendo também ser considerado um item disciplinador e de segurança, e que passou a ser usado no século XIX pelas escolas para melhor reconhecimento da entidade e dos alunos e alunas que dela faziam parte.

Essa transformação, fez com que as novas fábricas padronizassem seus funcionários, colocando-os vestidos com macacões que os identificava e unificava. A figura 6 nos traz uma visão de como esse processo aconteceu através do filme “Tempos Modernos”, onde o ator Charles Chaplin, em 1932, vestia macacão de *jeans*⁵ com camiseta.

Figura 6 - Chaplin no Filme Tempos Modernos - 1936



Fonte: <http://www.historianet.com.br>

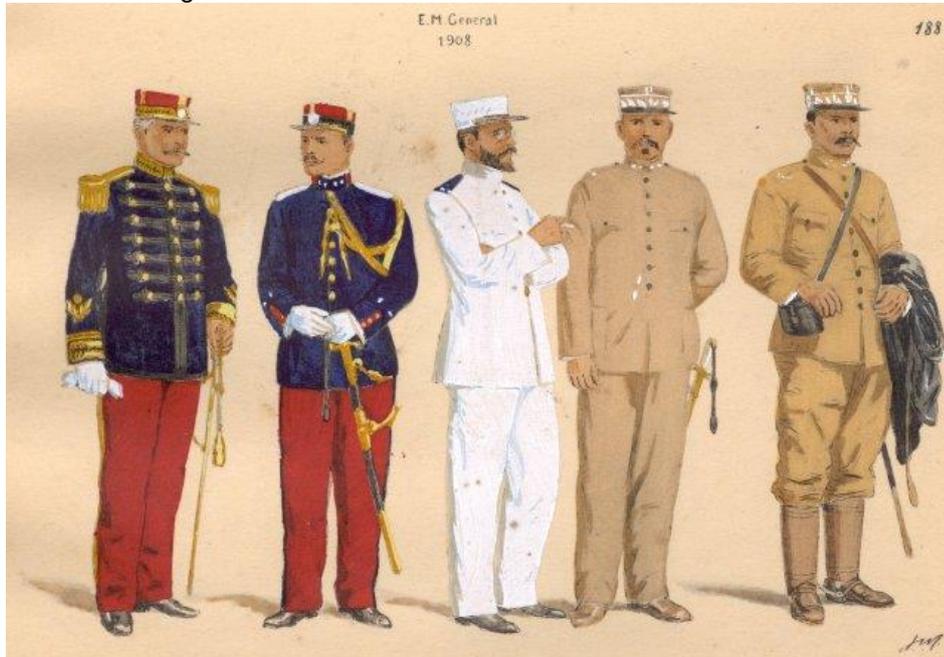
Os uniformes também remetem à disciplina, organização, respeito e reconhecimento como afirma Foucault (1999, p.162):

O soldado é antes de tudo alguém que se reconhece de longe; que leva os sinais naturais de seu vigor e coragem, as marcas também de seu orgulho: seu corpo é o brasão de sua força e de sua valentia; e se é verdade que deve aprender aos poucos o ofício das armas – essencialmente lutando – as manobras como a marcha, as atitudes como o porte de cabeça se originam, em boa parte, de uma retórica corporal de honra.

⁵ *Jeans* é uma corruptela do francês de *Gênes*, referindo-se à italiana Gênova, cidade portuária onde os marinheiros usavam calça confeccionada com uma sarja resistente procedente da cidade francesa *Nîmes*. As palavras de *Gênese* *Nîmes* usadas para indicar a origem das calças e do tecido deram origem às palavras *jeans* e *denim*.

Além das fábricas, vários setores, como o Exército, a Marinha e a Aeronáutica também são caracterizados por diferentes uniformes, o que os distingue principalmente pelas cores e acessórios aliados ao conceito de identificação. (figura 7.)

Figura 7 - Uniformes do Exército Brasileiro de 1908-18



Fonte: <http://www.sacktrick.com/igu/brazilinthefirstworldwar/uniformsarmy.htm>⁶

Nesta perspectiva é possível perceber que o uniforme é um dispositivo de controle e que, segundo Almeida (1999, p.152) traz elementos materiais e de produção simbólica como recursos utilizáveis para conformar o comportamento individual a regras sociais [...] quanto à distinção social que articulam as relações de dependência entre diferentes estratos sociais.

Diante do exposto, percebe-se que a história dos uniformes teve seu início já com nossos ancestrais e que vem sendo reinventados até a contemporaneidade, nas diversas categorias e modelos. Ao relacioná-lo com o objeto desta pesquisa, ou seja, o uniforme escolar pode-se afirmar que este pode servir não só para a identificação, mas também como forma de manter a disciplina e o controle dos corpos. Também pode ser tratado como um elemento importante da cultura escolar e um produto que sofre interferências da moda.

⁶O retrato feito por José Washt Rodrigues apareceu originalmente no livro "Uniformes do Exército Brasileiro-1922", escrito por Gustavo Dodt Barroso. a) Marechal, uniforme de revista; b) General de Brigada, segundo, uniforme; c) General de Divisão, uniforme branco; d) General de Brigada, farda de flanelakaki; e) General de Divisão, farda de brim kaki de campanha.

2.3 HISTÓRIA DO UNIFORME ESCOLAR

A história do uniforme escolar está atrelada ao surgimento da escola moderna, que emerge a partir do século XVII, através da evolução de experiências e influências que o ensino sofreu. Segundo Airès (1981), a escola moderna emergiu a partir da mudança ocorrida no olhar da família, na idade moderna, sobre a criança. Esta passou a ser vista não mais como um adulto e as escolas se tornam um lugar para educá-las. Ainda segundo o autor, as escolas passaram a ser uma instituição essencial à sociedade. Elas contribuía para o desenvolvimento da criança de forma gradual e não as tornava um adulto apenas pela sua clausura. Em períodos anteriores o aluno entrava na escola e ficava em tempo integral com o objetivo de torná-lo um adulto.

Através dessa nova escola, novos modelos e novas formas de passar o conhecimento são colocadas em prática, o que também foi notado na forma de vestir dos/as alunos/as, proporcionando uma uniformização diferenciada para os diversos tipos de entidade educacional. Para Neppel (2000, p.116):

O uso de paramentos – uniformes – atribui ao aluno uma visibilidade que o identifica com a instituição. Associa as individualidades, coletivizando, tornando-o parte de um grupo específico. Por isso o uniforme escolar adquire a característica de um dispositivo disciplinar que classifica – identifica-os como parte de um todo, e hierarquiza – determina seu lugar neste todo.

Neste contexto, Foucault (1996, 131) aponta:

Que um dos dispositivos disciplinares é o quadriculamento que distribui o indivíduo no espaço, permitindo sua identificação, o controle de sua posição e sua circulação. Permite ainda estabelecer sua presença ou ausência, saber onde se encontra, instaurar e interromper comunicações, enfim, vigiar a cada momento o comportamento de cada um. Por estas características, este dispositivo permite conhecer, dominar e utilizar, através da apreciação e das sanções que utiliza.

Assim pode-se dizer que o uniforme é um instrumento de identificação e transmite o sentimento de pertencimento à escola da qual o/a aluno/a frequenta, diferenciando-o dos que não estudam e resultando num controle através da visualização das características da Instituição. No Brasil, o uniforme escolar, como um dispositivo de diferenciação e disciplinamento, tem seu aparecimento em meados do século XIX.

2.3.1 História do uniforme escolar no Brasil

No Brasil, em 1850, o Colégio Pedro II instituiu pela primeira vez o uniforme escolar. De acordo com Schemes e Thön (2013), ele mais parecia um fardamento militar. A partir desse período, algumas escolas passaram a utilizá-lo como forma de padronizar a roupa dos/as alunos/as e identificá-los/as com as instituições de ensino aos quais estavam vinculados. Segundo Lonza (2005, p.21), o gradativo aumento do número de escolas no Brasil trouxe a necessidade de caracterizar os/as alunos/as de cada instituição de ensino, através dos uniformes.

Figura 8 - Normalistas brasileiros no início do século XX. A formação de professores tem sido tema de debates desde o século XIX. (Centro de Referência da Educação Pública da Cidade do Rio de Janeiro)



Fonte: Gondra e Uekane (2009).

Os uniformes ganharam destaque a partir dos anos de 1920 e 1930, mas somente na década de 1940 se tornaram obrigatórios, sendo um diferencial cultural para as instituições educacionais, marco de distinção entre os educandários e símbolo de disciplina. O Decreto-Lei nº 4.101, de 9 de Fevereiro de 1942, estabelece as bases de organização da Juventude Brasileira que diz:

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando da atribuição que lhe confere o art. 180 da Constituição, DECRETA:
 CAPÍTULO I DAS FINALIDADES DA JUVENTUDE BRASILEIRA
 Art. 1º A Juventude Brasileira instituída pelo decreto-lei número 2.072, de 2 de março de 1940, é uma corporação formada pela juventude escolar de todo o país, com a finalidade de prestar culto à Pátria.

Parágrafo único. É a Juventude Brasileira uma instituição complementar da escola, e funcionará em articulação íntima e permanente com a vida escolar.

Art. 2º O culto da Pátria prestar-se-á em termos de finalidade educativa, visando aos objetivos seguintes:

I. Despertar a veneração dos grandes mortos e o entusiasmo pelos grandes feitos da história nacional.

II. Afervorar o amor dos ideais nacionais e o interesse pelos problemas do país.

III. Suscitar a prática firme e constante das virtudes patrióticas.

Parágrafo único. Buscar-se-á, pelo culto patriótico, acentuar, no espírito das crianças e dos jovens, o sentimento de responsabilidade pela segurança e engrandecimento da Pátria.

Art. 3º O culto patriótico, nas comemorações especiais, prestar-se-á em face da Bandeira Nacional, e terá, no Hino Nacional, a sua primeira e maior expressão.

Art. 11. A Juventude Brasileira adotará, como característicos de sua unidade espiritual, **uniforme** e símbolos próprios, que serão definidos em regulamentos especiais (BRASIL, 1942, p.1).

A necessidade de caracterizar os alunos e alunas de cada estabelecimento através do uniforme, que os/as identificassem com o nome da instituição educacional, visava, segundo Lonza (2005), a segurança no extramuros. Diz ainda que a partir da matrícula, o colégio se tornava responsável por ele/ela. A partir do momento em que as crianças passam a frequentar o ambiente escolar, o uniforme começa a fazer parte do seu cotidiano, representando a instituição escolar e, ao mesmo tempo um dispositivo de controle social do Estado.

De acordo com Lonza (2005), o gradativo aumento do número de escolas no Brasil trouxe a necessidade de caracterizar os/as alunos/as de cada instituição de ensino. Os adolescentes circulam em diferentes ambientes, levando a identificação do seu colégio e também a sua identificação de pertencer a um grupo o que indiretamente lhe proporciona segurança.

Nesse contexto, a utilização do uniforme no Brasil iniciou com o objetivo de identificar alunos de acordo com a sua escola e garantir a segurança e a disciplina, além de contribuir para que todos fossem tratados da mesma forma (SCHEMES; THÖN, 2010), e assim, passou a ser utilizado, como meio de coesão de um grupo (SCHEMES; THON, 2010), embora muitas escolas continuassem com a tendência do uso de calças *jeans* e camisetas com identificação.

Ao trazer o uniforme escolar para o campo da história da educação e concebendo-o como um artefato escolar que fazer parte da cultura escolar dialogamos com Meneses (2005), quando o mesmo argumenta que os artefatos não são apenas produtos, mas também vetores de relações sociais. Nas palavras do

autor, "a chamada 'cultura material' participa decisivamente na produção e reprodução social" (MENESES, 2005, p. 18). Nesta mesma perspectiva apontam os estudos dos franceses Boudrillard (1968) – que considera que, para além dos atributos físicos dos objetos (características e propriedades), há que se considerar o sentido historicamente atribuído a eles pelos grupos sociais e Roche (2000), que adverte que os objetos não podem ser reduzidos a uma simples materialidade, mas devem, ao contrário, ser recolocados em "redes de abstrações e sensibilidades essenciais à compreensão dos fatos sociais" (ROCHE, 2000, p. 13), nas quais também estão envolvidas relações de produção e consumo.

Assim, os uniformes além de marcadores sociais, também são um artefato que materializa a cultura escolar e identificam os/as estudantes e suas escolas.

A poesia *Primeira Aula* de Maria Yvonne de Araújo, em sua obra intitulada "Primeiro Livro de Leituras", publicado em 1967, destinado aos/às alunos/as em processo inicial de alfabetização, deixa evidente a importância do uniforme escolar ao narrar o cotidiano de dois irmãos indo à escola:

Hoje é dia de festa,
 Benedito e Fernando vão à escola
 pela primeira vez!
 Como estão contentes!
 Eles vestem seus uniformes.
 São bonitas as calças azuis!
 São bonitas as blusas brancas!
 Benedito e Fernando não param!
 Olham o relógio, a cada instante!...
 E arrumam as pastas uma porção de vezes!
 A hora de sair, eles dizem:
 - A benção, mãe.
 - A benção, pai.
 - Até logo, Geralda.
 - Até logo, Silvinha.
 - Mas onde está Silvinha?
 Ninguém viu Silvinha...
 Silvinha vem correndo!
 Silvinha vem correndo e gritando:
 -Eu também vou para a escola. Olhem a minha pasta.
 Silvinha está que é uma graça, com a bolsa velha da mamãe!...
 Todos riem de Silvinha.
 Ninguém sabe quem é maior.
 Será Silvinha?
 Será a bolsa? (ARAUJO, 1967, p,59).

Ainda, analisando outro livro, encontramos vestígios de que as cores azul e branco parecem caracterizar o uniforme da escola pública brasileira há bastante

tempo. Maria Dinorah Luz Pereira, em seu livro *Ensinando com Poesia, Estudo Sociais, Ciências Naturais*⁷, expressa isso por meio da poesia *Meninhas de Uniforme*:

Menininha de colégio,
de uniforme branco e azul!
Cuidado com a geada,
cuidado com o vento sul.
Andai depressa nas ruas
meninhas de uniforme:
- que frio intenso e cortante,
e o resfriado não dorme!
Anda na rua à procura
das bonitas meninhas
que correm para o colégio
embolados, ligeirinhas!
Agasalhai-los! E os pés
trazei livres de umidade!
Um sapatinho bem grosso,
é mesmo necessidade!
Boa manta no pescoço,
um lencinho na cabeça,
umas luvinhas nas mãos,
e aconteça o que aconteça:
- geada, chuva, nevoeiro,
vento norte, vento sul,
vencereis, ó meninhas de
uniforme branco e azul! (PEREIRA, 1968, p.60-61).

De forma geral até 1915, eram as próprias alunas que confeccionavam os uniformes que todos/as vestiriam, no decorrer das *aulas* de corte e costura, constituídos, basicamente, na saia azul pregueada e a blusa branca com gola de marinheiro (SCHEMES; THÖN, 2010).

Para melhor entender como essa engrenagem de uniformização foi introduzida e, conseqüentemente, tornou-se obrigatoriedade na escola, faz-se necessária levar em consideração que há continuidades e descontinuidades na trajetória da instituição escolar. Entre as continuidades pode-se dizer que o uniforme escolar, independente das mudanças e alterações nos modelos, permanece como um artefato importante que constitui a materialidade da cultura escolar.

A alteração do uniforme escolar pode ser notada no Brasil e também em outros países, conforme ilustram as figuras abaixo.

⁷PEREIRA, Maria Dinorah Luz. **Ensinando com Poesia** (Estudos Sociais e Ciências Naturais). Ed. Tabajara, 1968.

Figura 9 - Estudantes da Rússia no ano de 1921 – uniformes de acordo com a tradição do país – meninos com gravata.



Fonte: <http://noticias.r7.com/educacao/fotos/veja-a-evolucao-dos-uniformes-escolares-desde-os-anos-20-20120611-4.html>

Figura 10 - Alunos da Escola Caetano de Campos, São Paulo (camisas brancas e calças ou saias pretas). (1958)



Fonte: <http://noticias.r7.com/educacao/fotos/veja-a-evolucao-dos-uniformes-escolares-desde-os-anos-20-20120611-4.html>

Figura 11– SP - Meninas de saia branca e bolsa e os meninos com suspensório (1960).



Fonte: <http://noticias.r7.com/educacao/fotos/veja-a-evolucao-dos-uniformes-escolares-desde-os-anos-20-20120611-4.html>

Após as décadas de 1970 e 80 começa ocorrer uma diversificação nos uniformes da escola pública brasileira. Para Schemes e Thön (2010, p.10):

A partir dos anos 1970 e 1980, as escolas puderam variar muito mais seus uniformes, e oferecer modelagens mais ao gosto dos alunos, ou seja, mais confortáveis. Os *trainings* eram agasalhos utilizados não só para a prática de esportes, mas para o dia a dia e que passaram a ser opção para as escolas também. Os tênis, nessa conjuntura, substituíram definitivamente os sapatos e a apropriação da moda unissex.

Figura 12 - Saias de prega e meias $\frac{3}{4}$ (1972).



Fonte: <http://noticias.r7.com/educacao/fotos/veja-a-evolucao-dos-uniformes-escolares-desde-os-anos-20-20120611-4.html>

Nesse aspecto, de acordo com Lehnert (2000), a transformação da moda foi radical. A dos anos 1970 e 1980, não houve mais aquela "moda única". Os

uniformes passaram a ter várias propostas e quase todas ligadas ao comportamento.

Nem toda essa mudança, obviamente, passou a ocorrer a partir dos anos 70 do século XX. Um pouco antes, na década de 1960, "os uniformes começaram a apresentar um aspecto menos formal" (SILVA, 2006, p. 90), como o aparecimento *stretch*⁸ (BRAGA, 2007) e da *helanca* (LONZA, 2005). No entanto, em se tratando de um momento ditatorial no país, a confecção dos uniformes passou a ser controlada pelo governo, a partir de 1968. (SILVA, 2006).

2.3.2 Obrigatoriedade do uniforme escolar

Os jovens da década de 1960 vestiam-se de maneira própria, de acordo com seus modos e gostos. Esses jovens, segundo Moutinho (2000), desprezaram a sociedade de consumo, onde estavam imersos e mostravam repugnância pelos burgueses, adotando a aparência das classes mais pobres. Sendo assim, com os movimentos estudantis e de protestos, era impossível distinguir as classes sociais, pois todos os jovens vestiam-se da mesma maneira.

Esse movimento com as palavras de ordem "É proibido proibir" e "paz e amor", nasceu em plena Guerra Fria, que viveu os "anos rebeldes", período que vai desde 1964, quando se forma e se instala no Brasil o regime de ditadura civil militar, até 1971, também chamado de período de chumbo da ditadura.⁹

Neste cenário, com a revolta dos jovens, o *Jeans* ganha força entre eles e seu uso é incorporado ao dia a dia, sendo customizado ou não, de diversas cores e formas. Segundo Sabino (2007, p.368):

A palavra *jeans* referindo-se a calças de brim índigo *blue*, só começou a ser utilizada a partir dos anos 40. [...] no entanto, em 1947, o catálogo de vendas da americana Sears, RoebuckandCo já oferecia *Bluejeans* com modelagem especial para mulheres e calças índigo *blue* estilo caubói para adolescentes e rapazes. No Brasil, principalmente no Rio de Janeiro, os *jeans* eram chamados de calça *Lee* pelos jovens burgueses dos anos 60, devido à distribuição, quase que exclusiva, dos *jeans* americanos no comércio das lojas, chamadas importadoras.

⁸ *Stretch*: qualidade elástica conferida a malhas e tecidos, graças a presença de fibras de elastano em sua composição (SABINO, 2007, p, 563).

⁹ O movimento *hippie* fez parte do movimento contra cultura originado nos Estados Unidos que teve o seu início na década dos anos de 1960, no entanto o movimento ganhou força no Brasil nos anos 70. O *hippie* é uma tribo urbana que usa a frase "Paz e Amor", originalmente em inglês "*peaceandlove*", como lema e referência para o movimento hippie. (SABINO, 2007, p. 323)

De alguns anos para cá, então, a imposição da calça *jeans* pelos jovens, transformou-se em algo quase básico dentro e fora da escola. O *jeans* passou a ser o novo uniforme. (LONZA, 2005).

Figura 13 - Alunos da rede estadual de São Paulo com calça *jeans* e camiseta (1988)



Fonte: <http://noticias.r7.com/educacao/fotos/veja-a-evolucao-dos-uniformes-escolares-desde-os-anos-20-20120611-4.html>

Mesmo com todas as mudanças no uso do uniforme escolar pelas instituições públicas e privadas, o uniforme é usado pelos estudantes, que seguem as normas e regimentos internos das instituições, adequando na melhor forma e modelo vigente. Importante lembrar que, mesmo levando em conta as interferências da moda na forma e modelos dos uniformes, foi somente em 20 de dezembro de 1996 que a obrigatoriedade de uso de uniforme estudantil, padronizado nas escolas públicas, acontece com a alteração do art. 70 da Lei nº 9.394, onde é autorizada a criação, pela União, do Programa Nacional de Uniforme Escolar. Assim, o Congresso Nacional decreta:

Art. 1º É instituída a obrigatoriedade de uso de uniformes estudantis padronizados nas escolas públicas de todo o País, para os alunos da educação básica, da pré-escola ao ensino médio, com exceção dos matriculados em cursos de educação de jovens e adultos, sendo o seu uso facultativo, na modalidade de educação indígena.

§ 1º Os uniformes a que se refere este artigo serão fornecidos gratuitamente, à base de 2 (dois) conjuntos completos por aluno, a cada ano letivo, incluindo o calçado.

§ 2º **O conjunto completo do uniforme escolar compreende obrigatoriamente calçado, meia, calça ou equivalente, camisa ou equivalente e boné.**

Art. 2º O órgão responsável pela educação na União, nos Estados, no Distrito Federal e nos Municípios, definirá as especificações do uniforme escolar padronizado para as escolas de sua rede.

Parágrafo único. É terminantemente proibido veicular qualquer tipo de *marketing* ou propaganda por meio de cores ou modelos de uniforme escolar, sendo permitido apenas o uso de símbolos, bandeiras ou palavras que forem as oficiais das escolas, dos Municípios, dos Estados ou do Brasil.

No entanto, observa-se que o uso do uniforme escolar continua em discussão em várias esferas, tanto políticas como educacionais. No Rio Grande do Sul, Estado em que está situada a escola *lócus* desta investigação, como em outras unidades federativas do país esse debate é polêmico. Recentemente, por meio da indicação de n.40, de 18 de maio de 2011, apresentada pelo CEED – Conselho Educacional de Educação do Rio Grande do Sul à Assembleia Legislativa do Estado ficou aprovado pelo plenário, por unanimidade, a recomendação de que os gestores das redes públicas de ensino incentivassem a utilização dos uniformes escolares.

A aprovação da indicação foi embasada nos aspectos legais, positivos e negativos do uso do uniforme escolar, como a legalidade através da Lei estadual n.13.474, de 28 de junho de 2010, que dispõe sobre o combate ao *bullying*¹⁰ por instituições de ensino de educação infantil, públicas ou privadas, com ou sem fins lucrativos. No parecer do CEED n. 820, de 09 de dezembro de 2009 consta que “[...] não existe fundamento jurídico onde possa ser calcada eventual posição contrária à utilização de uniformes escolares. (ASSEMBLÉIA...*apud* CEED/RS, 2009).

Já os aspectos positivos nomeados pela CEED, recaem sobre o aspecto pedagógico de prevenção e ressaltam:

É um elemento motivador para a realização de projetos e atividades que abordem a prática do *bullying* e a construção conjunta de normas de convivência, contribuindo para o alcance dos objetivos da Escola e de sua filosofia, expressos em sua proposta pedagógica e em seu regimento escolar. **A adoção dos uniformes escolares é uma construção coletiva**, por meio de um processo dialogado de conscientização, envolvendo toda a comunidade escolar, em especial os pais e alunos (ASSEMBLÉIA...*apud* CEED/RS, 2011, p.2).

Além dos argumentos mencionados pelo CEED/RS é necessário destacar também que o uso do uniforme se fundamenta nas seguintes ideias: fortalecimento

¹⁰*Bullying* é um termo da língua inglesa (bully = “valentão”) que se refere a todas as formas de atitudes agressivas, verbais ou físicas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente e são exercidas por um ou mais indivíduos, causando dor e angústia (BRASIL ESCOLA, 2015).

do sentimento de pertencimento do aluno em um grupo; distinção e identificação tanto na escola como no convívio em sociedade, extraclasse, a fim de torná-los todos/as iguais, sem distinção de classe, além da economia familiar quando não há necessidade do uso diário de roupas de passeio o que pode ocasionar compras com maior frequência, ocasionada pela efemeridade da moda.

Portanto, o uso de uniformes pode servir para democratizar, com o intuito de tornar todos/as os/as alunos/as “iguais”, padronizando as individualidades e homogeneizando as diferenças, para que tudo possa ser mais bem controlado. O uniforme serve também para explicitar, a quem o vê, a postura de uma instituição: seus valores, sua conduta, sua visão de mundo e até mesmo sua proposta pedagógica. (NEPPEL, 2000)

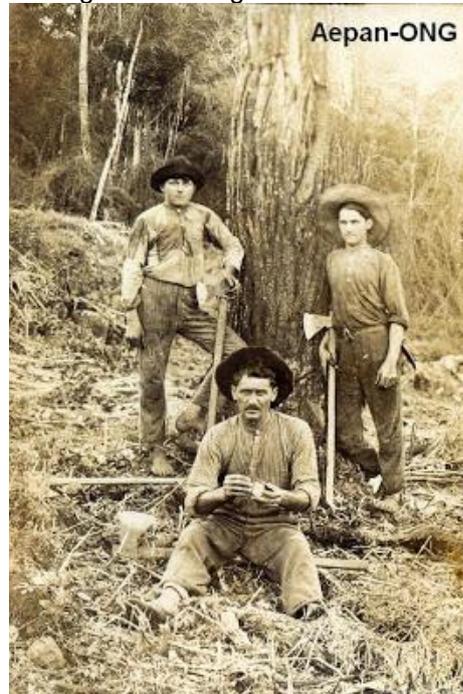
Porém, há de se ressaltar que o uniforme provoca a perda da liberdade de escolha da roupa pelo aluno. Esta perda da liberdade de escolha, surge devido a interferência externa que a moda oferece, mostrando novos modelos, novas formas, novos tecidos, porém essa influência leva o/a aluno/a a usar o uniforme além da sala de aula.

Logo, observa-se que o uso dos uniformes fora da escola é comum [...] mostrando-nos que o uniforme não está mais tão distante daquilo que o jovem costuma vestir nas horas vagas. Alguns valores estiveram muito presente nos uniformes escolares há tempos atrás, tais como a obediência, a disciplina, a hierarquia e a vinculação a um grupo social. (SCHEMES; THÖN, 2010).

Neste capítulo, foi apresentada a história da moda, a história dos uniformes e também a história do uniforme escolar e, mais especificamente no Brasil, além da sua obrigatoriedade. Estas questões foram problematizadas a fim de compreender o uniforme como um artefato importante no âmbito da cultura escolar do Colégio Santo Antônio de Estrela (RS). Sobre o colégio, a cidade de Estrela e sua criação trataremos no próximo capítulo.

alemã no Estado do Rio Grande do Sul, onde diversas colônias foram fundadas em todo o Estado no decorrer do século XIX. (Vital Junior, 2012).

Figura 15 - Imigrantes Alemães



Fonte: Memorial da AEPAN (2013)

Durante a Guerra dos Farrapos, em 1835, chegaram os primeiros habitantes que se estabeleciam no lugar denominado Bom Retiro. Os primeiros moradores foram o fazendeiro Antônio Israel Ribeiro e a família Louzada. Os imigrantes alemães aportaram no Vale do Taquari fundando, em 1853, a colônia de Conventos e em 1858 a colônia de Teutônia (IBGE, 2015).

Nos discursos veiculados sobre o município e seus habitantes, há indícios de que Estrela inicia sua trajetória por volta de 1856. Nesta época, foi instalada a Fazenda Estrela, colônia germânica, de propriedade do Coronel Victorino José Ribeiro. As terras da colônia pertenciam administrativamente à freguesia de São José do Taquari, atual município de Taquari. Segundo estatísticas, a colônia de Estrela contava com trezentos e dezessete habitantes, dos quais duzentos e trinta e quatro eram brasileiros, setenta e sete alemães, cinco dinamarqueses e um francês (JORNAL NOVA GERAÇÃO, 1976; IBGE, 2015).

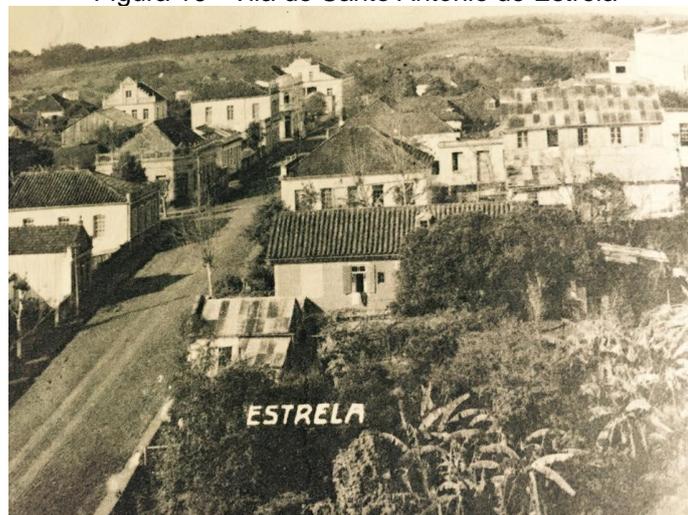
A fundação do povoado, sob a invocação de Santo Antônio, se dá em 1872, pelo coronel Antônio Vitor Sampaio Mena Barreto, grande proprietário de terra líder do movimento emancipacionista. Outras famílias chegaram à região, como a

numerosa família Roche, lançando as bases para o desenvolvimento da indústria e comércio locais. A economia da colônia, até então, era fundamentalmente agrícola priorizando a cultura de feijão, milho, batata, arroz, erva-mate para o sustento de seus habitantes. A indústria da época era ainda pouco desenvolvida ficando restrita à fabricação de manteiga, banha de porco, azeite e amendoim cuja matéria prima era produzida nas propriedades particulares. (JORNAL NOVA GERAÇÃO, 1976)

O desmembramento da freguesia de São José do Taquari e de Estrela se deu pela Lei nº 857, de 2 de abril de 1873, que criou a freguesia de Santo Antônio de Estrela.

Com o desenvolvimento da região, em 20 de maio de 1876, a Vila de Santo Antônio de Estrela (foto 16 e 17) foi emancipada politicamente, conforme a Lei nº 1044, sancionada pelo então presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, conselheiro Tristão de Alencar Araripe. Porém, somente em 21 de fevereiro de 1882 foi instalada como vila propriamente, tendo autonomia para a sua própria administração. A partir de então, perde o nome de Santo Antônio e passa a ser chamada de Estrela. (COSTA, 2009)

Figura 16 - Vila de Santo Antônio de Estrela



Fonte: Memorial da AEPAN (2013)

Figura 17 - Vila de Santo Antônio de Estrela



Fonte: Memorial da AEPAN (2013)

A instalação oficial do município ocorreu apenas seis anos após a sua emancipação política, em 1882, com a instalação da 1ª Câmara Municipal. Nesse período ocorreu também a aquisição do prédio para a Intendência Municipal, (figura 18). cujo proprietário era o Sr. Cel. Vitor Sampaio Mena Barreto. Neste mesmo local, na esquina das ruas Treze de Maio com a Rua Júlio de Castilhos, atualmente está a sede da Prefeitura Municipal de Estrela, (figura 19), prédio reformado na primeira gestão do prefeito Adão Henrique Fett, em 1954.(AEPAN.ORG 2013).

Figura 18 - Prédio da Intendência Municipal



Fonte: Memorial da AEPAN (2013)

Figura 19 - Prefeitura Municipal Século XXI



Fonte: Memorial da AEPAN (2013)

Por se tratar de um município de colonização predominantemente alemã, sua cultura se destaca através da educação, culinária, idioma, danças onde festividades como o Festival do Chucrute¹¹ e o *Kerbs*¹² apresentam os grupos de danças folclóricas de Estrela com mais de 40 anos de atividades. Apresentações destes grupos são realizadas em diversos estados do Brasil e países como: Alemanha, Áustria, Bélgica, Suíça, Itália, França, Portugal além dos países vizinhos como: Uruguai, Argentina e Paraguai, tornando o município de Estrela/RS parte do turismo da região do Vale do Taquari, através da Rota Germânica. (COSTA, 2009).

Historicamente, a cultura germânica no Brasil tem valorizado a educação formal, através da religião, do turismo, e da gastronomia que são propagados através de festas populares como o *Kerb*, *Oktoberfest* nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

¹¹O Festival do Chucrute é realizado todos os anos em Estrela e é considerado o mais tradicional festival de folclore alemão do Rio Grande do Sul. São dois bailes típicos, com música e gastronomia típica alemã, além do tradicional chope.

¹²O *Kerbs* são festas tradicionais da cultura alemã. Originalmente significa “o dia da inauguração da igreja”.

3.2 A EDUCAÇÃO EM ESTRELA

A história da educação em Estrela está na esteira da própria história da colonização alemã no Rio Grande do Sul, uma vez que, instalado o município, surge a necessidade de prover educação aos seus habitantes. Neste contexto, a educação é compreendida como condição fundamental para a continuidade e transmissão do acervo cultural dos imigrantes alemães e formação da população do novo município. De acordo com Fonseca e Tambara (2012, p. 127-128):

Os mentores da emigração alemã para o extremo sul do Brasil encontraram, no Rio Grande do Sul, um terreno propício para a implantação de um sistema educacional. A situação, inicialmente desfavorável à educação das novas gerações, pela falta de escolas, fez-se favorável ao trabalho de criação de escolas, tanto entre católicos como entre protestantes:

Conforme Tambara (1991, p.302), “os imigrantes alemães apresentavam um índice de alfabetização relativamente alto. [...] Nenhum grupo étnico conseguiu um sistema de ensino tão eficaz na transmissão de sua bagagem cultural quanto o alemão”

A primeira escola para rapazes, em Estrela, foi criada pela lei provincial nº 771 de 4 de maio de 1871 e começou a funcionar em 30 de setembro do mesmo ano. Em abril de 1873 foram criadas mais duas escolas masculinas e uma feminina. (COSTA, 2009).

As primeiras escolas eram rústicas, construídas com dificuldade e através dos membros da população das localidades que juntaram esforços para que seus filhos tivessem o mínimo de instrução. Segundo Bergesch (2010, p. 08):

As escolas do passado foram os pais dos alunos que não mediram esforços, se uniram, formaram uma sociedade escolar mesmo sem registro. Escolheram uma diretoria e com seu dinheiro compraram uma terra de fácil acesso, onde construíram um prédio para a escola e uma casa para o professor e sua família.

Nesta época, ainda de acordo Bergesch (2010), as escolas eram providas de um pequeno palco, uma mesa e uma cadeira que era somente para o professor, ficando os alunos sentados em bancos semelhantes aos das igrejas que ainda hoje utilizam. Não havia férias de inverno e no verão era somente de trinta dias. É relatado ainda que, a ordem era a referência, sendo que para entrar na sala de aula, os alunos faziam filas de meninas e meninos. A ordem de entrada era dada pelo

professor e a menina líder abria a porta e, na sequência, entravam as meninas, os meninos e o professor.

Neste contexto, para suprir a demanda da população de Estrela na busca de instrução, é instalado o Colégio Santo Antônio, em 1898. A instituição era coordenada pela Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã que no início de suas atividades contou com duzentas crianças entre meninos e meninas, que logo foram superadas, redobrando o número de alunos e alunas. (FRANK, 1947, p.83).

O Colégio promovia a oportunidade de que as meninas ficassem em pensionato ou internato. Inicialmente acolheram setenta a noventa estudantes sendo necessário no decurso do tempo aumentar o edifício. A instituição sempre teve cursos relacionados às atividades em que as moças pudessem aprimorar suas prendas domésticas como o curso primário de preparação para o ginásio, cursos de datilografia, música, pintura, corte e costura. Também oferecia retiro para as moças e senhoras durante o período de férias (FRANK, 1947).

Com desenvolvimento do município, iniciativas para a ampliação da educação foram sendo realizadas. Uma delas foi a criação da 3ª Coordenadoria Regional de Educação - CRE, em 1938, ocorrida no dia 28 de dezembro, através do decreto no. 7.641. A partir disso, foram nomeadas as delegacias Regionais de Educação e também os cargos de Delegados Regionais de Ensino, sendo Júlio Ruas o Delegado de Educação no período de 1939-1940 (WERKAUSEN, 2008).

A 3ª CRE foi instalada no município de Estrela num período relevante para a educação brasileira. A década de 1930 foi marcada pelo aprofundamento do processo de nacionalização do ensino no Brasil, assinalando profundas mudanças na estrutura educacional da escola colonial. (MALLMANN, 2006).

Desde a data da criação até 2007 foram 20 delegados de Educação, sendo cinco delegados e 15 delegadas. Assim, com a instalação no município da 3ªCRE¹³, as instituições educacionais tiveram maior apoio para a educação o que contemplou a população com melhores oportunidades no que tange a educação, aperfeiçoamento e o desenvolvimento estudantil.(WERKAUSEN, 2008).

¹³A 3ª CRE iniciou suas atividades na Rua 13 de Maio, após transferiu-se para a Rua Borges de Medeiros, 282 (figura 20) e desde 1971 em novas instalações na Rua Coronel Müssnich, 773 (figura 21).

Figura 20-Década de 1950 até 1971 na rua Borges de Medeiros, 282.



1969 - Coral da Escola 20 de Maio defronte 3ª Delegacia regional de Estrela - Rua Borges de Medeiros, 282

Fonte: Memorial da AEPAN (2013)

Figura 21 - Prédio inaugurado em 1971 na rua Coronel Müssnich, 773



Fonte: Memorial da AEPAN (2013)

Atualmente fazem parte da 3ª CRE os municípios de Anta Gorda, Bom Retiro do Sul, Canudos do Vale, Capitão, Colinas, Coqueiro Baixo, Cruzeiro do Sul, Doutor Ricardo, Encantado, Estrela, Fazenda Vila Nova, Forquetinha, Imigrante, Lajeado, Marques de Souza, Muçum, Nova Bréscia, Paverama, Pouso Novo, Progresso, Putinga, Relvado, Roca Sales, Santa Clara do Sul, Sério, Tabaí, Taquari, Teutônia, Travesseiro, Vespasiano Correa e Wastfália (PORTAL 3ªCRE, 2015).

No grupo das escolas privadas encontra-se o Colégio Santo Antônio de Estrela, fundado pela Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã, fundado em 11 de janeiro de 1898.

3.3 A CONGREGAÇÃO FRANCISCANA EM ESTRELA (RS) E O COLÉGIO SANTO ANTÔNIO DE ESTRELA (RS): LÓCUS DO ESTUDO

A fundação da Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã aconteceu em 10 de maio de 1835, na cidade de Heythuysen, na Holanda, por Maria Catarina Damen (nome de batismo) que passou a ser chamada de Madre Madalena Damen, filha de camponeses, que vivia com simplicidade no interior onde o valor pela fé católica era tradição. (Nossa História, Deus Cuida, 2014).

Ainda segundo o site, Irmã Madalena sempre vivenciou a vida de opressão e a dura realidade do seu povo sendo conduzida através de sua família ao aprendizado religioso que foi a força de sua jornada onde repetia sempre: "Deus Proverá". Ainda segundo o autor "com o tempo, mais moças foram se juntando e foram recebidas com muita alegria e tendo a certeza de que Deus as conduzira para essa missão e assim, Madre Madalena não se cansava de repetir: Deus é bom, Deus é muito bom" (Nossa História, Deus Cuida, 2014).

Desde cedo São Francisco de Assis serviu de inspiração para seguir sua vocação para atender crianças, jovens e doentes com fé e carinho e assim atraindo muitas seguidoras. Todo esse carisma e bondade eram reflexos de que acreditava que cada passo e cada decisão era obra de Deus que era cumprido através dela (FRANK, 1947).

Figura 22 - Madre Madalena Damen



Fonte: www.deuscuida.com.br

Em 1868, o Pe. Guilherme Feldhaus, responsável pelas Missões Jesuítas no Rio Grande do Sul, solicitou à Madre Aluysia Lenders, supervisora geral da Congregação que enviasse irmãs para exercerem suas atividades de educação de

crianças e jovens, a maioria descendente de imigrantes alemães especificamente para a cidade de São Leopoldo/RS (ZANETI, 2012).

Passados dois anos sem que sua solicitação fosse atendida, renovou a solicitação em 1870 e as irmãs Franciscanas, compreendendo a necessidade da missão atenderam ao pedido. Partindo de Kapellen, na Alemanha, seguiram de Marselha, na França, em viagem até o Rio de Janeiro onde foram embarcadas rumo a Porto Alegre. Enfrentaram forte tempestade onde tiveram que retornar ao Rio de Janeiro, posteriormente, embarcaram rumo a Porto Alegre novamente.(BARIN, 2006).

Com a chegada das Irmãs Franciscanas ao Rio Grande do Sul e com o desenvolvimento da cidade de Estrela/RS, juntamente com a necessidade de promover a educação à população, iniciou-se o processo da transferência de um grupo de irmãs, que já estavam em diversas cidades como: São Leopoldo, Santa Maria, Santa Cruz do Sul, Tuparandi, Bom Jesus, contribuindo com a instalação do Colégio Santo Antônio.

A história do Colégio Santo Antônio de Estrela/RS, de acordo com dados pesquisados nos arquivos da própria instituição e também em documentos da Associação Estrelense de Proteção ao Ambiente Natural (AEPAN-ONG), iniciou suas atividades em 04 de maio de 1897 quando alguns colonos compraram do Pe. Eugênio Steinhardt, Sr. Marthias Schütz e Sr. Pedro Buchmann um terreno que ocupava uma quadra inteira no centro da cidade e que foi dedicado a Santo Antônio. No mesmo ano iniciou-se a construção do prédio cuja inauguração aconteceu em 11 de janeiro de 1898, com a chegada das Irmãs Franciscanas em Estrela. (FRANK, 1947).

Depois de muitos anos almejando a instalação de um educandário religioso, “um colégio de Irmãs, pois as educandas seriam instruídas na santa religião e as filhas de São Francisco seriam seus guias no rumo para a pátria celeste” (FRANK, 1947, p.82), chegam ao povoado as Irmãs da Congregação Franciscana da Penitência e Caridade Cristã, tendo como Superiora Geral da Missão a Madre Ludgera, (figura 23) que atendendo a solicitação dos colonos, organizou a 1ª. Comunidade Religiosa que contava também com a participação da Madre Hyacintha Tiedig, primeira supervisora do Colégio Santo Antônio, além de mais três irmãs: Turati, Materna Müller e Mathilda Kipper (FRANK, 1947). Ainda segundo Frank (1947, p.83):

A viagem das irmãs missionárias foi tranquila até chegarem à entrada do Rio Taquari onde uma horrível tormenta obrigou a embarcação atracar. Após, continuaram a viagem cheia de vicissitudes [...] as águas do Rio Taquari haviam baixado muito por causa das secas. Depois de duas longas horas, tiveram que passar para um bote, navegado à remo ou empurrado por um negro robusto [...] nas últimas três horas a viagem foi de carreta, puxada por burros e nos lugares difíceis apeavam e caminhavam longos trechos. Enfim se aproximaram de Estrela e foram recepcionadas por um grupo de cavaleiros que deram as boas vindas gritando Elas vem! Elas vem!

Figura 23 - Madre Ludgera Helwig



Fonte: Frank, 1947

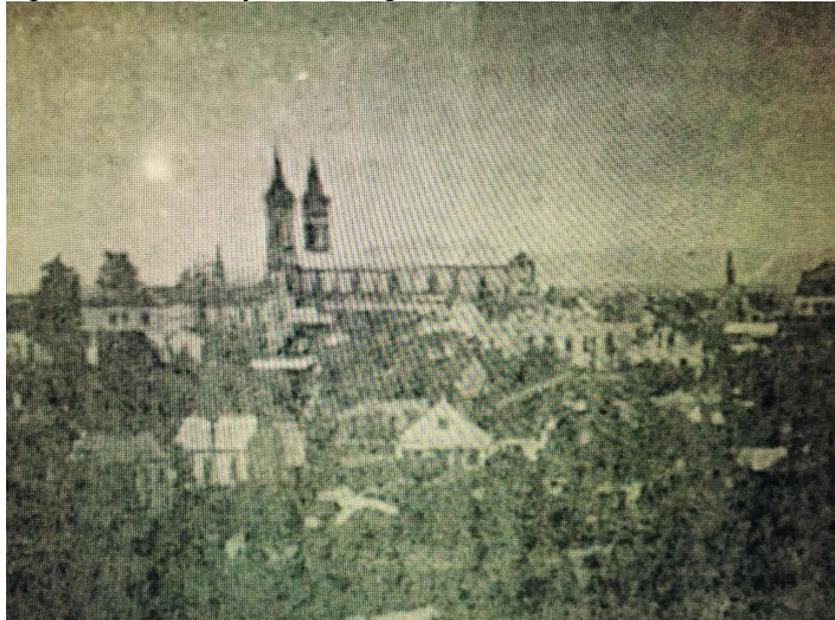
Depois de alguns dias de ambientação, começaram os seus trabalhos no colégio que estava construído no alto da colina (figura 24 e 25), onde a visão era privilegiada, tanto para elas como para a comunidade que o vislumbraria de todos os ângulos.

Figura 24 - Localização do Colégio Santo Antônio na cidade de Estrela



Fonte: Memorial da AEPAN (2013)

Figura 25 - Localização do Colégio Santo Antônio na cidade de Estrela



Fonte: Memorial da AEPAN (2013)

Assim, no dia 16 de janeiro de 1898 foi realizada a primeira aula, atendendo a 10 alunas internas neste primeiro ano de atividade (AEPAN-ORG). A edificação do Colégio Santo Antônio acompanhou arquitetura da época, o estilo *Art Nouveau* (1870-1910), com linhas retas, geométricas, características da época, que segundo Mancuso (2010), é decorrente das profundas modificações ocorridas no fim do século XIX.

O desenvolvimento da indústria, a substituição do móvel artesanal por industrializado, o luxo ao alcance de muitos, a eletricidade, a rapidez da circulação

das notícias fizeram com que os padrões de gosto, em relação à decoração mudassem muito. Sobre isso Mancuso (2010, p.189) comenta que “[...] a Arte Nova volta-se para a linha reta, dando assim um passo decisivo nas formas do século XX. O expoente máximo deste período é o escocês Charles Mackintosh. Sutileza, austeridade, rigor e simplicidade estrutural marcam os seus trabalhos”. No caso dos edifícios escolares Bencosta (2006, p.297) comenta:

A primeira década do período republicano vem de encontro com a necessidade e importância dada a democratização da educação brasileira e alfabetização. A construção de prédios específicos para funcionamento das escolas adquire um destaque especial. Esta arquitetura, no início da República, oscilou entre a construção de prédios imponentes, que pudessem dar destaque ao poder público constituído e suas políticas, e a pressão dos movimentos populares por educação.

As figuras abaixo mostram a edificação do colégio, em dois momentos até a década de 1950, em que a estrutura permaneceu a mesma desde a sua fundação, sofrendo alterações apenas impostas pelo tempo, onde árvores cresceram e o desgaste da pintura é mais evidente.

Figura 26:- Colégio Santo Antônio - Estrela, RS – 1939



Fonte: Memorial da AEPAN (2013)

Figura 27 - Colégio Santo Antônio - Estrela, RS – 1950



Fonte: Memorial da AEPAN (2013)

Na década de 1970, com maior número de alunos/as nova entrada foi construída a fim de facilitar o acesso, ligando a sala de recepção com o pátio interno.

Figura 28 - Colégio Santo Antônio - Estrela, RS – 1977



Rua Tiradentes - Colégio Santo Antônio - Antigo acesso principal

Fonte: Memorial da AEPAN (2013)

Essa entrada continua até hoje, com um visual mais moderno, onde o nome do colégio está em evidência. Muretas de segurança foram colocadas devido

ao grande movimento de alunos/as, pessoas e automóveis que passam diariamente pelo colégio, conforme as ilustrações a seguir.

Figura 29 - Colégio Santo Antônio - Estrela, RS – 2012



Fonte: Memorial da AEPAN (2013)

Figura 30 - Colégio Santo Antônio - Estrela, RS – em duas etapas 1947 e 1998



Fonte: Memorial da AEPAN (2013)

Nota-se que as mudanças ocorridas na arquitetura e no “espaço escolar” acompanham as diferentes temporalidades em sintonia com o cenário cultural, buscando, de alguma forma, o melhor desempenho das atividades escolares. Nesse

sentido, a instituição escolar configura-se como um espaço que para Certeau (1994, p.202):

O espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, circunstanciam [...] em suma, o espaço é um lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar construído por um sistema de signos – um escrito.

Assim, segundo Magalhães, (1996, p. 2):

A existência histórica de uma instituição educativa é, sem deixar de integrá-la na realidade mais ampla que é o sistema educativo, contextualizá-la implicando-a no quadro de evolução de uma comunidade e de uma região, é por fim sistematizar e (re) escrever-lhe o itinerário de vida na sua multidimensionalidade, conferindo um sentido histórico.

Sendo assim, o Colégio Santo Antônio de Estrela sempre esteve integrado com a comunidade operando nas diversas atividades educacionais, culturais e religiosas como nas comemorações de aniversário da Instituição como relata Rath (2012) em seu livro “Perfis de Estrela” quando da comemoração do Cinquentenário de Fundação da Escola Santo Antônio, no dia 5 de outubro de 1947, onde uma grande festa foi realizada com missa de ação de graças encomendada pelas ex-alunas, amigos e benfeitores da Escola, além da procissão do Rosário e bênção final no altar erguido na entrada principal.

Rath (2012, p.178-179) diz ainda que “esplêndido foi o resultado alcançado por essa realização, demonstrando, mais uma vez, a compreensão do povo de Estrela, tanto da cidade como do interior e sem distinção de credos religiosos, quando se trata de auxiliar a estabelecimentos de ensino”.

Na ocasião foram homenageadas as irmãs Nazaré, Maria Lutélia Ferreira (figura 31) que nasceu em março de 1923, em São Jerônimo. Aos 68 anos de idade, Irmã Nazaré foi homenageada com o título de Cidadã Estrelense, pelo trabalho que realizou como orientadora educacional, que segundo ela, foi uma grande surpresa e uma forma de valorizar o serviço de todas as irmãs Franciscanas, que durante tantos anos estiveram a serviço da orientação educacional no Colégio Santo Antônio (AEPAN-ORG, ano 2009, p.1).

Figura 31 - Irmã Nazaré



Fonte: Memorial AEPAN ORG – Associação Estrelense de Proteção ao Ambiente Natural. (jul.2009)

O panorama apresentado neste capítulo permite vislumbrar o cenário da pesquisa, necessário para abordagem em maior profundidade do objeto de estudo, apresentado no capítulo a seguir, ou seja, o uniforme escolar como produto da moda e parte da cultura escolar do Colégio Santo Antônio de Estrela/RS.

4 O UNIFORME ESCOLAR DO COLÉGIO SANTO ANTÔNIO DE ESTRELA (RS): A MODA ENTRELAÇANDO A CULTURA ESCOLAR

O assunto abordado neste capítulo remete especificamente ao objeto deste estudo, ou seja: Os uniformes escolares do Colégio Santo Antônio de Estrela/RS, no período de 1939 a 2005, na sua relação com as tendências da moda, fazendo parte da cultura material escolar desta instituição. Cabe lembrar que entre os objetos/utensílios que constituem a escola moderna e sua cultura, o uniforme caracteriza-se como um dos elementos da sua materialidade, em que pese as continuidades e descontinuidades na trajetória da instituição escolar. Nas palavras de Souza (2009, p. 17):

A cultura escolar comporta aspectos que permanecem ao longo do tempo, como as “tradições, sedimentações de práticas, ideias, modos de fazer e pensar que governam o ensino, que perduram ao longo do tempo sobrevivendo às reformas e inovações.

Neste sentido, a cultura escolar, como já foi anunciado na introdução e no final do primeiro capítulo deste trabalho, entende-se como sendo as ideias, as normas, os hábitos, tradições interpretadas e perpassadas pelos/as professores/as, orientadores/as, educadores/as, alunos/os e pela cultura material escolar que compreende o espaço físico da escola e os objetos que ao serem incorporados às práticas escolares carregam significados e valores, pois são produções culturais isentos de neutralidade, dinâmica e recebe interferência como qualquer processo cultural.

Como produto de moda, o uniforme tende a sofrer alterações e inovações por interferência externas, que segundo Lonza (2005) define como uniformização de fora para dentro onde o indivíduo não tem escolha sobre a indumentária que usa, quer lhe agrade ou não.

4.1 O UNIFORME DO COLÉGIO SANTO ANTÔNIO FAZENDO PARTE DA CULTURA ESCOLAR

No conjunto de elementos materiais que fazem parte da escola e sua cultura está o uniforme, materialidade aqui compreendida como um dos elementos que faz parte da cultura escolar.

Para Meneses (2005, p. 18), os uniformes não são apenas produtos, mas também vetores de relações sociais. Diz ainda, a chamada cultura material “participa decisivamente na produção e reprodução social”. Também pode-se considerar, segundo Jean Boudrillard (1968), o que lhes foi atribuído historicamente pelos grupos sociais em que está inserido, além das especificidades físicas do objeto. Daniel Roche (2000, p. 13), faz referência de que os objetos, neste caso os uniformes, não podem ser considerados apenas uma simples matéria, mas sim, ao contrário, ser recolocados em “redes de abstração e sensibilidades essenciais à compreensão dos fatos sociais”, onde envolve o desenvolvimento, produção e consumo.

Desse modo, Escolano (2010) faz referência que a cultura material da escola reflete as tradições históricas da própria instituição perpassadas através dos tempos como patrimônio educativo. Diz ainda que provavelmente nesse patrimônio pode “residir o conhecimento através de códigos pedagógicos que contenham valor social, moral e podem conter um importante potencial estético e narrativo, às vezes, mas sempre cultos e solidários”. (ESCOLANO, 2010, p.52).

Neste sentido, o uniforme escolar, caracteriza-se como um instrumento de representação simbólica que movimenta dentro do campo educacional um conjunto de sinais que serve de orientação para reproduzir hábitos culturais produzidos pelo sistema de educação, pois se trata de um objeto que educa que comunica que surge para diferenciar, distinguir e para disciplinar. (ROCHE, 2007)

Portanto, o uniforme do Colégio Santo Antônio, como parte da cultura escolar, vem referenciar os aspectos e costumes de uma entidade inserida em uma sociedade que preserva tradições e que segundo Souza (2009, p.17):

A cultura escolar comporta aspectos que permanecem ao longo do tempo, tal como as ‘tradições, sedimentação de práticas, ideias, modos de fazer e pensar que governam o ensino, que perduram ao longo do tempo sobrevivendo às reformas e inovações’, mas que por outro lado, essa cultura é dinâmica e se transforma como qualquer processo cultural.

A dinâmica de mudanças e alterações nos uniformes do Colégio Santo Antônio é visível quando observados os registros fotográficos nos quais esta pesquisa tem parte do seu embasamento. A alternância dos uniformes está visível no design das peças, nas cores, nos tecidos e também no estilo que acompanharam as tendências da moda. Novos tecidos, novas tecnologias influenciam a escolha dos uniformes que cada vez mais estão adaptados para o conforto e bem-estar dos/as alunos/a, mas também aos ditamos da indústria da moda.

Daniel Roche (2007, p.262) salienta que “a indumentária, mais do que qualquer outro elemento da cultura material, incorpora valores do imaginário social e as normas da realidade vivida; é o campo de batalha obrigatório do confronto entre a mudança e a tradição”.

4.2 COMO O COLÉGIO SE APROPRIA DO UNIFORME NOS DIFERENTES CONTEXTOS

Encontrar documentos que testemunhem como aconteceram as mudanças dos uniformes no Colégio Santo Antônio foi uma dificuldade nesta pesquisa. Porém, as imagens e fotografias do acervo do educandário são ricas em detalhes, por esta razão, elas serão as principais fontes para a compreensão de como se deu o processo de mudança nas indumentárias.

As imagens fotográficas revelam detalhes que os fatos relatados em documentos podem passar despercebidos além de que uma imagem pode perpetuar momentos marcantes e passar informação de realidade e credibilidade. Para Cartier-Bresson (1971, p. 21):

De todos os meios de expressão, a fotografia é o único que fixa para sempre o instante preciso e transitório. Nós fotógrafos lidamos com coisas que estão continuamente desaparecendo e, uma vez desaparecidas, não há nenhum esforço sobre a terra que possa trazê-las voltar. Não podemos revelar ou copiar uma memória. O escritor dispõe de tempo para refletir. Pode aceitar ou rejeitar, tornar a aceitar; (...) Existe também um período em que o cérebro ‘se esquece’ e o subconsciente trabalha na classificação de seus pensamentos. Mas, para os fotógrafos, o que passou, passou para sempre. É deste fato que nascem as ansiedades e a força de nossa profissão.

Neste contexto, existe a relevância do estudo das imagens fotográficas para a fundamentação de trabalhos de acadêmicos, porém, é necessário que se

tenha conhecimento da época estudada, pois como ressalta Boris Kossoy (1989), existe um desafio do pesquisador em reconstituir o processo gerador do artefato, compreendendo seus elementos constitutivos e determinar os elementos icônicos que compõem o registro visual.

Ainda, segundo Kossoy, (1989, p.65):

A análise iconográfica tem o intuito de decupar, inventariar e classificar o conteúdo da imagem em seus elementos icônicos formativos; o aspecto literal e descritivo prevalece, o assunto registrado é perfeitamente situado no espaço e no tempo, além de corretamente identificado.[...] Situa-se no meio caminho da busca de significado do conteúdo; ver, descrever e constatar não é suficiente. É este o momento de uma incursão em profundidade na cena representada, que só será possível se o fragmento visual for compreendido em sua interioridade. Para tanto, é necessária, a par de conhecimentos sólidos acerca do momento retratado, uma reflexão centrada no conteúdo, porém, num plano além daquele que é dado ver apenas pelo verismo iconográfico .

Assim, através de uma linha do tempo imaginária, começamos a análise dos uniformes escolares dos meninos e meninas a partir do ano de 1939. No final do século XIX e início do século XX ainda era comum as instituições de ensino serem exclusivas para meninos ou para meninas como foi o caso do Colégio Santo Antônio que se dedicava às meninas. Era uma entidade mantida pela Congregação das Irmãs Franciscanas e recebia um número grande de alunas normalistas que usavam seus uniformes de acordo com regras e modelos da época.

O uso do uniforme pelas alunas normalistas, segundo Auras (2005, p. 235), já vinha sendo usado pelos colégios e passou a ser intensificado a partir de 1919, como forma de controle do comportamento. Ainda segundo a autora referenciada, “quando uniformizados, ainda que se encontrassem fora da escola, os/as alunos/as que apresentassem mau comportamento estariam sujeitos/as a advertências por parte do diretor e membros do corpo docente.

O uso diário dos uniformes pelas normalistas, desde então vem sofrendo pequenas modificações no seu visual, haja vista que a indumentária feminina nos anos seguintes, de 1929 a 1939, mesmo com a crise da Bolsa de Valores de Nova Iorque e a inflação, recebe influência das atrizes do cinema, passando a valorizar o tornozelo, elevando assim a bainha das saias.

Nesses anos pós-primeira guerra, mesmo com a ostentação da classe artística, a vida ficou mais difícil para a maioria, o que interferiu até mesmo dos

tecidos usados para a confecção das roupas, que agora eram em tons mais escuros e neutros, o que facilitava a compra e, conseqüentemente, redução do preço. A indumentária dos anos de 1930 visava afinar a silhueta através de recortes assimétricos, cintura levemente acentuada que alonga o corpo.

Segundo Lonza (2005), o primeiro livro sobre uniformes escolares foi publicado no final dos anos de 1920, contendo modelos de uniformes para as escolas primárias e normal chamado Uniformes Escolares – Distrito Federal em 1929, onde consta o texto descritivo sobre os uniformes das escolas publicas:

Escolas Primarias’ – A blusa é branca, de mangas compridas, de tecido não transparente com punhos abotoados ou com pressões, tendo um bolso do lado esquerdo. Largura: Golas, punhos e bainha com 6 cm de fio direto. O monograma é bordado no bolso com linha D.M.C. azul-marinho, em ponto cheio. A saia é de tecido azul-marinho escuro, com três pregas de cada lado. A gravata é feita de uma tira comprida do tecido da saia, de 5 cm de largura, tendo as extremidades presas à blusa por botões e calças. Cadarço branco estreitos, colocado horizontalmente, diferencia os anos do curso primário. Calçados e meias pretas. ‘Escola Normal’ – Blusa branca de pano não transparente (morim, linho ou tricolina), com botões de madrepérola, punho e gola de 7 cm de largura, cinto em casimira branca de 3 cm de largura. Gravata de fita de gorgorão numero 12 azul-marinho escuro, preso por distintivo da Escola Normal feito em metal prateado. Saia de casimira azul- marinho escuro toda em machos de 10 cm. Casaco de casimira azul- marinho escuro com dois bolsos e botões cobertos da mesma fazenda. Calçados pretos. Meias cor carne. Chapéu de feltro azul- marinho com fita de gorgorão também azul-marinho número 9 passada em volta da aba, terminado num laço do lado direito. Os anos do curso serão distinguidos por cadarços de cor azul-marinho presos no punho sendo para o curso anexo cordão estreito de meio centímetro e para o normal cadarço de um centímetro. (LONZA, 2005, p. 91-92)

Estes detalhes são notados na figura 32 numa apresentação das alunas do Colégio Santo Antônio em julho de 1939, onde o uniforme é composto por uma saia na cor escura, azul marinho, de cintura alta, marcada, com recortes que alongam e modelam o corpo, camisa branca de mangas compridas, tênis conga¹⁴ branco e meias brancas, modelo soquete.

¹⁴Calçado de lona e solado de borracha fabricado pela São Paulo Alpargata S.A.(www.alpargatas.com.br/#/busca/conga)

Figura 32 - Uniformes usados em 1939



Fonte: Acervo de Luiz Carlos Freitas

Em 1950 o Colégio, já com turmas mistas, continuava como uniforme formal. Os meninos das séries iniciais usavam calças curtas ou bermudas em tecido tergal azul marinho, com camisas brancas; já as meninas usavam saias até logo abaixo do joelho em tergal, camisa branca de mangas longa e o suspensório, acessório comum para ambos, tendo o masculino uma gravata. Sapatos pretos e meias soquete brancas completavam o uniforme conforme mostra a figura 33, onde um grupo de meninos e meninas sentados com a mesma postura e com seus uniformes impecáveis, pretendendo disseminar um comportamento disciplinado já nos primeiros anos escolares. Essa imagem nos faz pensar sobre o apontamento feito por Souza (2001, p 90) quando afirma que “a pose para a fotografia da classe consiste na primeira metade do século XX em um ritual de compenetração. A escola é o espaço da ordem, da obediência, do silêncio e da disciplina, cuja representação é confirmada nesse tipo de imagem”.

Figura 33 - Uniformes usados em 1951



1951 - Alunos do Colégio Santo Antônio

Fonte: JAM Brasil - Site Nossa Dica
<http://www.nossadica.com.br>

A década de 1950 demarcou um período em que ocorreram mudanças significativas na indumentária feminina, segundo Nery (2009, p.231):

[..] a roupa prática substitui o modismo, o *tailleur* parecendo uniforme virou costume universal da mulher, com ombros largos, saias mais curtas [...] Christian Dior inventou a saia *New Look*, que era mais larga e rodada e também mais curta, até abaixo dos joelhos.

Mesmo com estas mudanças, o uniforme das meninas moça do Colégio Santo Antônio continuou com saia rodada e longa, com a camisa branca de mangas longas, na cor azul marinho com cintura acentuada, tênis branco e meias brancas, estilo soquete.

Figura 34 - Uniformes usados em 1955



Fonte: Acervo de Carli Rücker

Até a década de 1960, o uniforme continuou praticamente o mesmo apenas com acréscimo de uma gravata (talvez para ocasiões especiais), além disso, o uso dos sapatos pretos foi agregado ao uniforme das alunas do Colégio Santo Antônio de Estrela.

Figura 35 - Uniformes usados em 1960



7 de setembro de 1960 - Estudantes do Colégio Santo Antônio desfilam na rua Coronel Flores, defrente o Colégio Santo Antônio

Fonte: site nossa dica

<http://www.nossadica.com.br>

A formalidade deste modelo de uniforme que aparece na imagem contrasta com o movimento da moda dos anos de 1960, uma vez que esta década foi marcada pela exigência do público adolescente por novos tipos e apresentações nas roupas, constituindo uma nova forma de se vestir. Uma época em que, segundo Moutinho (2000, p.188), “5 a 10% da população mundial tinha menos de 20 anos”, devido ao chamado *baby-boom* do pós-guerra, que tinham menos de 20 anos e que eram considerados um grupo a parte, pelo seu modo de vestir e agir.

Ainda, segundo Nery (2009), esses jovens desprezavam a sociedade de consumo, onde estavam imersos, e mostravam repugnância pelos confortos burgueses, adotando a aparência dos pobres, usando *blue jeans*, roupas sem gravata, jaqueta de couro e esta se tornou a vestimenta do estudante americano para ambos os sexos.

Já final da década de 1960, Nery (2009 p. 250), diz que: “Os *hippies* apareceram com sua forma relaxada de trajar com saias e cabelos compridos. Seu *slogan*, adepto do amor livre, era ‘*Make love, not war*’, em tempos de guerra no Vietnã”. Foi uma época marcante para a moda, pois os modelos das roupas passaram a mudar rapidamente, fazendo que os fabricantes tivessem a necessidade de renovar seus estoques com maior frequência.

Surgem também nomes marcantes que revolucionaram a moda, como Mary Quant, que soube captar as tendências e vontade dos jovens que segundo Moutinho(2000, p.192), suas criações coloridas e simples, “[...] em 1962 tornou popular a minissaia e criou a meia-calça coloridas, blusas caneladas, calças e saias *saint-tropez*¹⁵ e os cintos usados no quadril”. André Courrèges, também teve influência na moda desta época, por fazer uma roupa estruturada com cintura alterada para abaixo do busto e comprimento curto, estilo Império, dando um requinte ao modelo (MOUTINHO, 2000).

Figura 36 - Uniformes usados em 1963



Fonte: site Nossa Dica
<http://www.nossadica.com.br>

¹⁵*Saint-tropez*: modelo de saia ou de calça lançada na década de 60. O corte era feito de forma que a peça ficasse justa nos quadris logo abaixo da cintura, sendo em geral, presa por um cinto grande largo (O'HARA, 1999, p. 242).

Nesta época, década de 60, percebe-se um novo modelo de uniforme, figura 36, agora com saias mais curtas com cintura marcada para as meninas e meias soquetes. As camisas continuam brancas, confeccionadas em tecido plano seguindo a tradição dos uniformes da instituição.

Muito comum na época, e mesmo nos dias de hoje, as apresentações nos desfiles comemorativos com o uso de roupas especiais, com estilos direcionados a temas específicos e mesmo mantendo certa formalidade nos uniformes escolares percebe-se algumas mudanças na apresentação do colégio onde uma coreografia é apresentada em homenagem ao aniversário de 77 anos do município de Estrela.

Na figura 37, as alunas do coral exibem vestidos característicos da cultura alemã, com saias mais curtas, aparecendo o joelho. Nesta época, também entram em cena as meias $\frac{3}{4}$, um modelo que vai até logo abaixo do joelho.

Figura 37 - Uniformes usados em 1963



No centro da foto aparece a Livraria e Bazar Arthur Preussler.
A foto mostra alunos do Colégio Santo Antônio - Desfile 20 de maio 1963

Fonte: site Nossa Dica
<http://www.nossadica.com.br>

No mesmo evento, outro uniforme aparece (figuras 38 e 39), provavelmente das normalistas e de gala. As saias são com linhas estruturadas, com cintura marcada, casaco com mangas curtas e detalhes em viés da cor da saia. As luvas completam o uniforme dando um detalhe de sofisticação ao conjunto.

Figura 36 - Uniformes usados em 1963



20 de maio de 1963 - Alunos do Colégio Santo Antônio desfilando na Festa de Maio na rua Júlio de Castilhos. 1ª apresentação do novo uniforme.

Fonte: site Nossa Dica
<http://www.nossadica.com.br>

Na década de 1960 as luvas foram muito utilizadas pela elegância que a mesma proporcionava ar de requinte e sobriedade. Lonza (2005) destaca que a elegância primava nos uniformes do início do século XX pela influência que a Inglaterra imprimia sobre a moda refletindo nos uniformes escolares no Brasil. As luvas, conforme Joffily (1999, p. 18), “enquanto durou a *Belle Époque*, importávamos veludos caríssimos que as moças ostentavam em seus passeios nas ruas da cidade, mãos e braços sempre cobertos por elegantes luvas, debaixo do sol tropical”.

Figura 37 - Uniformes usados em 1963



1963 - Colégio Santo Antônio - Ano da formatura
 Mariza Schwertner é a da esquerda (atrás) e Vania Nonnenmacher está a seu lado
 Yvonne Weigert e abem da direita a frente.

Fonte: site Nossa Dica
<http://www.nossadica.com.br>

Ainda nos anos de 1960, mais precisamente em 1966, o uniforme do Colégio (figuras 40 e 41) foi remodelado e as saias seguem os modelos de Mary Quant e Courreges, que são em linhas retas, mais justas, tendo o tecido alterado para um xadrez miúdo na cor cinza, camisa branca e mangas longas, sapatos pretos e meias brancas. Complementa o uniforme, um cordão preto com um *Button* com o símbolo do colégio.

Figura 38 - Uniformes usados em 1966



Fonte: Site Nossa Dica
<http://www.nossadica.com.br>

Figura 39 - Uniformes usados em 1967



Fonte: Site Nossa Dica
<http://www.nossadica.com.br>

Na moda, as mulheres dos anos de 1960 já não eram mais adolescentes e sim moças que procuraram uma forma de modelar a silhueta deixando as saias sobre os joelhos. Os anos 60 ficaram marcados pelos conflitos de ideias que se instalaram nas escolas brasileiras. Lonza (2005, p.170) discorre que:

A moralidade era uma razão de conflito: apesar da revolução sexual, da pílula anticoncepcional e dos Beatles, dentro dos colégios, vigorava a moral antiga, com meninos separados de meninas, namoro proibido até nas regiões próximas aos colégios e os uniformes davam às garotas um visual de quase duas décadas antes.

A próxima década, anos 70, foi marcante para o mundo da moda, pois segundo Moutinho (2000), esta se diversificou extraordinariamente, sendo impossível descrever todas as suas características. Nery (2009, p. 256), diz que após anos turbulentos da década anterior, nos anos 70 alguns movimentos sociais começaram a adquirir forma. Um deles foi o das mulheres que lutaram para ter empregos de liderança em carreiras interessantes e outro foi a volta à natureza.

Surgem, também, os *blazers*, blusas, *pulôveres*, saias e calças usadas com muita criatividade. Lonza (2005, p. 176-177) diz:

Uma mudança radical da história dos uniformes escolares no Brasil começou, com o aparecimento da *helanca*, oferecendo muitas vantagens sobre outros tecidos: alta resistência, não precisava ser passado a ferro, não deformava com o uso, secava muito rapidamente e não encolhia, além de oferecer muito mais cores, possibilitando inúmeras combinações e também bom caimento. As escolas tiveram a oportunidade de escolher cores específicas e acompanhar as mudanças da moda jovem na determinação de seu uniformes.

Essa moda mais livre influenciou os uniformes dos/as alunos/as, agora, meninos e meninas do Colégio Santo Antônio (fig. 42) que trocam as camisas brancas por camisetas brancas com a estampa do distintivo da escola no peito. As meninas com saias até o joelho, pregueadas, na cor azul marinho, sapatos pretos e a camiseta branca e os meninos, calças compridas, azul marinho e camisetas brancas com o distintivo da escola nas cores vermelho.

Figura 40 - Uniformes usados em 1972



Fonte: Acervo de Ana Júlia Feldens Paranhos

Para os desfiles cívicos, os alunos que integravam o Coral (fig. 43) denominado *Canarinhos*, vestiam calça comprida, camisa branca e um *blazer* amarelo, em alusão ao nome Canarinhos do Colégio Santo Antônio.

Figura 41 - Uniformes usados em 1973 – Coral os Canarinhos do CSA



Setembro 1973 - Alunos do Colégio Santo Antônio - Rua Coronel Müssnich

Fonte: Site Nossa Dica
<http://www.nossadica.com.br>

Já os/as demais alunos/as do Colégio Santo Antônio de Estrela, seguiam a moda livre ditada na época (figura 44) e que foi aderida pelas instituições de

ensino, usando agasalhos em malha *helanca* nas cores azul marinho tendo como detalhe nas laterais duas listras brancas. Para os pés, *tênnis*.

Nesta época, também era comum usarem uniforme especial para a prática de esportes, principalmente nas aulas de educação física, onde camisetas brancas e calções vermelhos era o fardamento conforme a figura 44.

Figura 42 - Uniformes usados em 1974



Setembro de 1974 - Alunos do Colégio Santo Antônio - Rua Coronel Müssnich

Fonte: Site Nossa Dica
<http://www.nossadica.com.br>

Em continuidade aos anos de 1970, em que a moda se referencia nos anos 60, num estilo onde, segundo Moutinho (2000, p.234), o período entre 1970 e meados dos anos de 1980 é caracterizado por uma tentativa de reorganização das múltiplas e tumultuadas ideias lançadas nos anos 1960, "[...] a juventude mostrava sua inadequação ao momento usando roupas rasgadas ou retro".

Um reflexo disso é o consumo pelos jovens, de roupas produzidas em grande quantidade, misturas com roupas do passado, fazendo um estilo que não agradava a todos, o chamado *kitsch* que era considerado de mau gosto e causava estranheza nas pessoas chegando a chocá-las. Foi uma década de muitos contrastes, onde tudo era possível em matéria de moda. Nery (2009) diz:

O estilo das roupas masculinas tornou-se também livre e improvisado, informal pois cada vez menos profissões exigiam o uso do terno [...] a generalização frequente de camisetas lisas e estampadas com logotipos de clubes esportivos das universidades americanas [...] no final da década, surgiu a moda marginal dos punks, com seus penteados eriçados de porco-espinho tingidos de cores berrantes[...] cada vez mais mulheres dotaram o feitios masculinos para sua indumentária, assim como os homens passaram a usar cores fortes femininas. Nasceram então a moda unissex. (NERY, 2209, p.258, 259).

Seguindo a tendência, surge um novo produto que vem auxiliar e facilitar a confecção das roupas, principalmente as peças que vieram para acompanhar e compor os *looks*, onde a peça chave era a calça *jeans*, os *collants*, hoje conhecidos como *body*¹⁶.

Figura 43 - Uniformes usados em 1988



Fonte: Acervo da pesquisadora

Os anos de 1980 também foram marcados pelo surgimento dos *shoppings*, ou seja, lojas de departamentos com artigos esportivos como os agasalhos ou abrigos como eram chamados. Também as calças *legging* se as bermudas de ciclista ganham destaque na medida em que os materiais como a *lycra* entram no mercado, sendo misturados com o algodão e proporcionando maior conforto nas roupas. Seguindo essa onda, os uniformes escolares ganham cada vez mais conforto e os agasalhos confeccionados em *lycra*, *helanca* e *moleton* são apresentados como indumentária preferida das instituições de ensino.

Neste contexto, o Colégio Santo Antônio, adere às novas tendências e praticidades dos novos produtos, e confecciona os uniformes em malha de algodão com *elastano*, nas cores azul e vermelho para meninos e meninas, sem distinção.

O uniforme (figura 45) passa a ser composto por calça azul, modelo reto, com elástico na cintura, com uma listra branca e uma vermelha nas laterais, jaqueta

¹⁶ *Body* é uma palavra inglesa que significa corpo e serve para denominar peças de roupas colantes (SABINO, 2007, p. 111).

com abertura com zíper e detalhes na horizontal com uma listra branca e uma em vermelho, sendo o colégio identificado pelo emblema bordado ao lado esquerdo e as camisetas brancas não mais com o emblema central em vermelho e, sim, menor, em azul e ao lado esquerdo.

Figura 44 - Uniformes usados em 1990



Fonte: Site Nossa Dica
<http://www.nossadica.com.br>

Os anos de 1990 chegam com inovações em vários campos, principalmente nas tecnologias, onde a informatização avança em velocidade absurda e invade os lares, as empresas, as escolas e os estabelecimentos de diversão.

Figura 45 - Uniformes usados em 1990



Fonte: Acervo da pesquisadora

No campo da moda, segundo Moutinho, (2000), chega-se à era da indústria têxtil *high-tech* (alta tecnologia). A indumentária ocidental caracteriza-se pelo uso de uma multiplicidade de tendências que fazem conviver os últimos lançamentos com a moda *retrô*, que resgata modelos de décadas passadas. O autor afirma ainda que a simplicidade das roupas e o interesse pela praticidade se acentuam. Os tecidos sintéticos ganham destaque na moda esportiva, onde a *dance music* é uma tendência o que exige comodidade, conforto e roupas fáceis de usar.

Assim, os uniformes do colégio continuam com o mesmo *design*, porém as camisetas surgem com um novo visual, mais moderno, voltada para as tendências da época, com o apelo futurista tendo estampada na frente da camiseta o *slogan* “CSA é mais futuro”, com destaque para uma estrela em amarelo. Agora o modelo era confeccionado nas cores branca e cinza com os detalhes em amarelo, azul e vermelho.

Os novos modelos dos agasalhos, figuras 48 e 49 também foram incorporados ao uniforme, sendo de malha algodão com *elastano*¹⁷, nas cores azul com as iniciais CSA na vertical da perna esquerda, bordado em vermelho e com

¹⁷*Elastano*: fio com propriedades elásticas, usado na composição de diversos tecidos e malhas (SABINO, 2007, p. 245).

punho na barra da calça. Já as jaquetas, com mangas e costas azul e frente em cinza com as mesmas iniciais bordadas na vertical no lado esquerdo. Estrelas amarelas completavam o modelo.

Figura 46 e 47 - Uniformes usados em 1993



Fonte: acervo da pesquisadora

Nas figuras 50 e 51, dois momentos onde os uniformes são usados pelos/as estudantes e professores/as.

Figura 48 e 49- Uniformes usados em 1995



Fonte: Acervo de Lorene Wexel

Em 1997, a camiseta ganha um ar mais limpo, onde a estrela e o *slogan* são retirados, ficando ainda nas cores cinza para o corpo e as mangas em azul com barra em amarelo. As iniciais do Colégio continuam no centro frontal da camiseta, nas cores azul com bordas vermelhas. As calças, agora em linha reta e sem o punho, ficam um pouco mais apropriadas para as meninas que preferem mais justas e coladas ao corpo.

Figura 50 - Uniformes usados em 1997



Fonte: acervo da pesquisadora

Em maio de 1997 foi realizado um chá em homenagem ao dia das mães no qual o ponto principal foi um desfile (fotos 53 e 54) com a apresentação dos vários modelos dos uniformes usados pelo colégio até aquela data, mostrando assim as suas mudanças no decorrer das décadas.

Figura 51 - Retrospectiva dos uniformes do Colégio Santo Antônio até 1997.



Fonte: acervo da pesquisadora

Figura 52 - Retrospectiva dos uniformes do Colégio Santo Antônio até 1997.



Fonte: acervo da pesquisadora

O século XX também foi marcado pelo surgimento das fibras artificiais que, segundo Moutinho (2000, p.301), “foram aplicadas comercialmente na área do vestuário, para a fabricação de tecidos funcionais à prova d’água. Agora, as misturas de fibras são empregadas para todas as peças do vestuário”. Com esses novos produtos no mercado e com a produção de vários tipos e quantidades, ficou mais fácil o uso e as indústrias passaram a utilizar esse material nos mais variados tipos de roupas, principalmente no segmento da educação e do lazer.

Assim, os uniformes do colégio também ganham um novo visual, mais *clean*, prático de acordo com a evolução da moda, o que contemplou em 2005 mais

uma opção de camiseta azul de mangas curtas com detalhe em amarelo na manga e no decote, com distintivo tradicional nas mangas e uma estrela amarela estampada no peito. Completando o uniforme a calça azul em malha *helanca* para meninos e meninas as meninas podendo optar pela calça *legging*¹⁸. Este uniforme surge como mais um modelo a ser utilizado, porém o modelo de 1997 continua como o uniforme padrão para os alunos e alunas Colégio Santo Antônio de Estrela.

Figura 53 - Uniformes usados em 2005



Fonte: acervo da Instituição

Sendo assim, pode-se notar que os uniformes do Colégio Santo Antônio de Estrela sofreram alterações baseadas nas mudanças da moda e da indumentária, mas sempre preservaram as suas características e cores originais: o azul e branco. O uniforme continuou sendo um elemento de diferenciação e identificação perante a sociedade, notado nas formas, tecidos e design que foram apresentados neste trabalho através das fontes iconográficas e textuais que permearam no período de 1939 a 2005. As mudanças mais visíveis aconteceram nas décadas de 50 e se estenderam até os anos 2000. Nos anos 50 predominou a moda jovem e os tecidos foram modificados com a invenção das fibras acrílicas. Os anos 60 foram marcados pela rebeldia e pelo uso das calças *jeans* e camisetas que também seguiu para os

¹⁸ *Legging* é uma palavra inglesa que significa pernas. Fruto do movimento da moda, inspirado nas roupas esportivas, saiu das academias e tomou conta das ruas. Na década de 1980, a grande lançamento era a calça Fuseau, palavra francesa que significa calça justa, afunilada. A diferença entre uma calça fuseau e uma *legging* é que na primeira, as pernas têm uma alça de união que fica na sola do pé, enquanto a *legging* tem comprimento das pernas até a metade da parte inferior destas, nunca chegando ao tornozelo.

anos 70. Nesta década, houve o retorno da moda mais comportada fazendo referência aos anos 30.

Na década de 1980, a elegância retorna nas formas, tecidos, acessórios. Os uniformes ficaram mais elaborados e com novos recortes e com um design diferenciado. Essa tendência seguiu até os anos 2000 onde a leveza e a praticidade se destacaram.

Tais afirmações corroboram com o entendimento de Ribeiro (*apud* Escolano Benito, 2012, p. 16) no sentido de que induzem a “desnaturalização dos objetos, já que sua incorporação às práticas escolares comporta significados e valores que são adicionados à sua materialidade física e funcional e definem os modos de pensar o ensino”.

Desta feita, os uniformes escolares não podem ser vistos como neutros, pois, agregam valor e são fundamentais para expressão da cultura escolar, já que representam um conjunto de sinais que servem para representar as atitudes e comportamentos de alunos/as e do sistema educacional.

5 CONCLUSÃO

Numa realidade onde as mudanças são constantes e a vontade do indivíduo de pertencer a determinados grupos sociais prevalece, a roupa se destaca como um elemento de elo possibilitando o sujeito de encontrar o que quer ser e onde quer estar. Assim, ao trazer o uniforme escolar para o campo da história da educação e concebendo-o como um artefato escolar que faz parte da cultura escolar dialogamos com Meneses (2005), quando o mesmo argumenta que os artefatos não apenas produtos, mas também vetores de relações sociais. Nas palavras do autor, "a chamada 'cultura material' participa decisivamente na produção e reprodução social" (MENESES, 2005, p. 18). Nesta mesma perspectiva apontam os estudos do francês Boudrillard (1968) – que considera que, para além dos atributos físicos dos objetos (características e propriedades), há que se considerar o sentido historicamente atribuído a eles pelos grupos sociais.

Neste contexto, a presente dissertação teve por objetivo fazer o estudo histórico dos uniformes escolares entre os anos de 1939 a 2005, tendo como lócus o Colégio Santo Antônio, situado no município de Estrela/RS, destacando as tendências da moda e sua influência na cultura escolar, por meio do uniforme escolar.

Após as leituras das bibliografias referenciadas e documentos textuais e iconográficos, procurou-se compreender as alterações que o uniforme escolar teve durante o período estudado, tendo em vista a evolução da moda e o reflexo destas mudanças na cultura material escolar da instituição.

Na primeira parte denominada “História da moda, dos uniformes e do uniforme escolar”, apresentou-se uma discussão sobre as bases conceituais da moda, com o intuito de situar a história dos uniformes, bem como a história do uniforme escolar no Brasil e a sua obrigatoriedade, a fim de compreender como a moda participa e interage na sociedade, na vida das pessoas, nos uniformes e, principalmente, nos uniformes escolares, objeto deste estudo.

Na sequência, os assuntos abordados no capítulo denominado “A trajetória do Colégio Santo Antônio na Cidade de Estrela (RS)” trazem dados sobre: a colonização da Cidade de Estrela/RS que teve início em 1856; a chegada da Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã no Rio Grande do Sul, em 1872, e seu deslocamento para a cidade de Estrela/RS no ano

de 1898, a fim de iniciarem a construção do Colégio Santo Antônio, lócus deste estudo.

No próximo capítulo, o assunto elencado remete especificamente ao objeto deste estudo, ou seja: “Os uniformes escolares do Colégio Santo Antônio de Estrela/RS, no período de 1939 a 2005, moda entrelaçando a cultura escolar desta instituição”.

Assim, ao longo do estudo, ficou evidente que o uso dos uniformes, presente nas mais diversas categorias e classes, proporcionava notoriedade, distinção, hierarquia, disciplina e segurança, assim ele passou a ser utilizado pelas escolas para reconhecimento da entidade e dos alunos e alunas, visto que os/as identificava e unificava.

Também observou-se que as escolas optaram pelo uso do Uniforme Escolar devido à necessidade de caracterizar seus/suas alunos/as e representar a instituição escolar, através das cores, formas e distintivos, tornando-o um elemento indispensável.

Com a complexidade da sociedade, ficou evidenciada uma diversificação nos uniformes das escolas. No Colégio Santo Antônio de Estrela não foi diferente, e pode-se identificar uma relação entre a influência que a moda teve na sua cultura escolar através da evolução nas formas, tecidos e design.

O uniforme do Colégio, foco da pesquisa, sempre acompanhou as alterações baseadas na evolução da moda, porém preservou suas cores originais, azul e branco. A cultura escolar, caracterizada pelas normas, hábitos, utensílios e tradições da escola, também se transformou com o passar dos tempos, proporcionando maior interação com a comunidade escolar do município. Assim, pode-se concluir que a modificação nas características do seu uniforme escolar, confeccionados com tecidos modernos e confortáveis, tornou-o mais atrativo aos alunos e alunas.

As reflexões efetuadas, a partir deste estudo, indiciam que os vários modelos de uniforme escolar adotados no Colégio Santo Antônio de Estrela (RS) desempenharam uma função padronizadora importante, mesmo se tratando de uma escola que atendia uma elite local. Além disso, serviu para dar visibilidade e destaque a uma instituição social que ensejava ser respeitada na cidade de Estrela. Certamente, as tantas mudanças no uniforme escolar ocorreram com o intuito de manter e fortalecer o prestígio social do Colégio Santo Antônio. Portanto, por meio das mudanças ocorridas nos modelos dos referidos uniformes é possível observar

que a moda entrelaçou a cultura escolar na trajetória do Colégio Santo Antônio de Estrela (RS).

Se a educação sozinha não pode transformar a sociedade, tampouco sem ela a sociedade muda. (Paulo Freire).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adilson J. de. **Uniforme da guarda nacional 1831-1852: a indumentária na organização e funcionamento de uma associação armada**. 1998. Dissertação de Mestrado em História Social – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

ALMOSTFASHION. Disponível em: <<http://almostfashion.wordpress.com/>> Acesso em 30 mar.2014

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad., 2.ed. Ed.Guanabara: Rio de Janeiro,1981.

ARAÚJO, Maria Yvone A. de. **Meninos travessos** (Manual do Professor). 4.ed. Belo Horizonte: Editora Vigília Ltda, 1967.

AURAS, Gladys Mary Teive. **Uma vez normalista, sempre normalista**. A presença do método de ensino intuitivo ou lições de coisas na construção de um *habitus* pedagógico (Escola Normal Catarinense-1911-1935). Curitiba, PR, 2005. Tese de doutorado (Doutor em Educação). Universidade Federal do Paraná, 2005.

BARIN, Nilsa Teresinha Reichert. (org.). **SCALIFRA ZN: conquistas e perspectivas na educação**. Santa Maria: UNIFRA, 2006.

BENCOSTA, Marcus Levy Albino (Org.). **História da educação, arquitetura e espaço escolar**. São Paulo: Cortez 2005.

BOUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 1968.

BRAGA, João. **História da moda: uma narrativa**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2007.

BRASIL ESCOLA. **Revolução Industrial**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/historiag/revolucao-industrial.htm>> Acesso em 30 mar/2014

BRASIL ESCOLA. **Bullying**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/sociologia/bullying.htm>> Acesso em 27 abr/2015.

CAMINHOS DA COLONIA. Disponível em <<http://igtf.rs.gov.br/wp-content/uploads/2012/06/Caminhos-da-colonizacao-alemã-no-RS.pdf>> Acesso em 14 abr/2015.

CARTIER-BRESSON, Henri. “o momento decisivo”. In: Fotografia e Jornalismo. Bacellar, Mario Clark (org). São Paulo, Escola de Comunicação e Artes (USP), 1971.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis, RJ:Vozes, 2008.

CHAIM JUNIOR, C.I. **Cultura Corporal Juvenil da periferia paulistana: subsídio para construção de um currículo de Educação Física**. São Paulo, SP, 2007 – Dissertação de mestrado Universidade de São Paulo – Faculdade de Educação 2007.

CLASSICA UNIFORMES FINOS. Disponível em:
<<http://www.classicauniformes.com/artigos/a-historia-dos-uniformes/>> Acesso em 30 mar/2014

CONSELHO EDUCACIONAL DE EDUCAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL.
Processo n. 141/27.00/11.3. Indicação n.40 de 18 de maio de 2011.

COORDENADORIAS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO. Disponível em:
<www.educacao.rs.gov.br/pse/html/cre.jsp?ACAO=acao2&CRE=3> Acesso em 05 abr/2015.

CORAZZA, Sandra Mara. **REVISTA PEDAGÓGICA**. Porto Alegre: Artmed, Ano VII nº 28 nov. 2003/jan. 2004.

COSTA, Carmen Lucia Oliveira, Informação e Cultura: estudo sobre informações turísticas em Estrela-RS – Porto Alegre/RS 2009 Monografia Curso Biblioteconomia – UFRGS

ECO, Umberto, **Psicologia do vestir**. Lisboa: Assírio e Alvim, 1989.

ESCOLA MODERNA. Disponível em:<<http://www.freinet.org.br/fimem>> Acesso em 31 mar/2014

ESCOLANO BENITO, Austin. Patrimônio material de laescuela e história cultural. **Revista Linhas**, v.11, n.2, p.13-28, jul./dez. 2010.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. **Lei nº 8.069/90** atualizado com a Lei nº 12.010 de 2009, Inclusa Lei nº 12.594 de 2012 (SINASE). 3.ed. Fevereiro/2012.

EVOLUÇÃO DOS UNIFORMES ESCOLARES. Disponível em:
<<http://noticias.r7.com/educacao/fotos/veja-a-evolucao-dos-uniformes-escolares-desde-os-anos-20-20120611-8.html#fotos>> Acesso em 30 mar/2014

FEGHALI, M. K, et al. **O Ciclo da Moda**: Rio de Janeiro: Ed.Senac, 2005.

_____. **As Engrenagens da Moda**: Rio de Janeiro: Ed.Senac, 2004.

FERRATER MORA, José. **Dicionário de Filosofia**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes 1993.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **O espaço escolar como objeto da história da educação: algumas reflexões**. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-5551998000100010&script=sci_arttext> Acesso em 30 ago/2014.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** 20^{ed.} Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2007.

_____. **A ordem do discurso.** 2. ed. São Paulo : Loyola, 1996.

FRANK, André Pedro, Mons. **Poliantéia comemorativa do 75º aniversário da chegada das Irmãs Franciscanas ao Rio Grande do Sul -1872 – 1947.** Porto Alegre, Imprimatur, 1947.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade.** 17.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979;

GONDRA, José Gonçalves; UEKANE, Marina Natsume. Normalistas em Pauta. 2009. Disponível em:
<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/educacao/normalistas-em-pauta>. Acesso em: 02 abr. 2014.

GODOY, Arilda S., **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais.** , In Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v.35, n.3, p. 20-29, 1995a.

IBGE. Rio Grande do Sul – Estrela. Disponível em
<<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=430780&search=rio-grande-do-sul|estrela|infograficos:-historico>> Acesso em 20 mar/2015.

JOFFILY, Ruth. **O jornalismo e produção de Moda.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991. 148p ISBN 8520902928.

KOSSOY, B. **A história da fotografia.** In: História geral da arte no Brasil. v. 1. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles, 1983._____. Fotografia e história. São Paulo: Ática, 1989.

KREUTZ, Lúcio. **Escolas Étnicas no Brasil e a formação do estado Nacional: A nacionalização compulsória das escolas dos imigrantes (1937-1945).** POIÉSIS-Revista de do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, v.3, n.5, p. 71 – 84, Jan/Jun. 2010.

LAVIER, James. **A Roupas e a Moda: uma história concisa.** São Paulo: Ed. Schwarcz, 1999.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e Pedagogos, para quê.** São Paulo, Cortez, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LONZA, Furio. **História do Uniforme Escolar no Brasil.** São Paulo: Ed. MEC, 2005.

MAGALHÃES, Justino. **Comunicação: Contributo para a História das Instituições Educativas** – entre a memória e o arquivo. Instituto de Educação e Psicologia. Universidade do Minho, Braga, Portugal, 1998.

MALLMANN, Ágatha Cristina Speck. Raízes históricas da colonização austríaca: um estudo sobre a educação de Treze Tílias (1928-1938). Joaçaba, 2006. Disponível em <<http://unoesc.edu.br/imagens/uploads/mestrado/agatha-cristina-speck.pdf>>. Acesso em 20 mar.2014.

MANCUSO, Clarice. **Arquitetura de Interiores e Decoração**; A arte de viver bem. 8 ed. Porto Alegre: Sulina, 2010

MARCON, Mônica D'Andréa. **Uniformes Escolares**. Caxias do Sul, RS, 2010. Dissertação (Mestrado em Moda). Universidade de Caxias do Sul, 2010. Disponível em: <http://tede.uces.br/tde_arquivos/7/TDE-2010-11-11T150209Z394/Publico/Dissertacao%20Monica%20DAndrea%20Marcon.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2013.

MENESES, Ulpiano B. A exposição museológica e o conhecimento histórico. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves. **Museus**: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2005. p. 18-84.

MOUTINHO, M.R. **A Moda do Século XX**. Rio de Janeiro: Ed. SENAC Nacional, 2000.

NEPPEL, Liliane. Das Entranhas ao Estranhamento das Relações de poder no cotidiano escolar, *Questionando a Obviedade dos Prêmios e Castigos*. Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do Grau de Mestre em Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. 2010.

NERY, Marie Louise. **A Evolução da Indumentária**. Rio de Janeiro: Ed. SENAC Nacional, 2009.

NORMALISTAS EM PAUTA. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/educacao/normalistas-em-pauta>> Acesso em 31 mar/2014

NOSSA HISTÓRIA. www.deuscuida.com.br/site/irmas-franciscanas-da-penitencia-e-caridade-crista-180-anos-de-fundacao Acesso em 29 mar/2015

NOSELLA, José Luís Sanfelice. Disponível em: <http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/463PaoloNosella_EsterBuffa.pdf> Acesso em 04 set/2014

O'HARA, Georgina. **Enciclopédia da moda**: de 1940 a década de 80. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

OLIVEIRA, R.S.; JUNIOR, N.F.B. **A Fotografia como fonte de pesquisa em História da Educação**: usos, dimensão visual e material, níveis e técnicas de análise. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congresso/cbhe7/pdf/03>> Acesso em: 21 abr/2015

PERCÍLIA, Eliene. **Uniforme Escolar**. Disponível em: <www.brasilecola.com>. Acesso em: 31 out. 2013.

PEREIRA, Maria Dinorah Luz. **Ensinando com Poesia** (Estudos Sociais e Ciências Naturais). Edições Tabajara, 1968.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

POZZA, Patrícia. **Educação Escolar** Disponível em: <http://www.notisul.com.br/n/colunas/mudancas_na_educacao_escolar-27493> Acesso em 31 mar/2014.

RIBEIRO, I.; SILVA, V. L. G. **Das materialidades da escola: o uniforme escolar**. Educação e Pesquisa (USP. Impresso), 2012.

ROCHE, Daniel. **A cultura das aparências: uma história da indumentária (séculos XVII- XVIII)**. Trad. Assef Jkouri. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

_____. **História da Coisas Banais: nascimento do consumo no séc. XVII-XIX**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ROUSSEAU, Jacques, J. **Emilio ou da Educação**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand do Brasil S/A, 1995.

SABINO, Marcos, **Dicionário da Moda**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

SAMPAIO, Dulce Moreira. **Educação e a Reconexão do Ser: Um Caminho para a Transformação Humana e Planetária**. Petrópolis: Vozes, 2010.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. **Teoria de Moda: sociedade, imagem e consumo**. Estação das Letras. São Paulo, 2007.

SAVIANI, Dermeval. **Instituições Escolares: Conceito, História, Historiografia e Práticas**. Cadernos de História da Educação - no. 4 - jan./dez. 2005.

_____. **Instituições escolares: conceito, história, historiografia e práticas**. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, n. 4, p. 27-33, jan./dez. 2005.

SCHEMES, C.; THON, I. H. A moda europeia e o uniforme escolar no Brasil. In: **VI Colóquio de Moda**. 2010, São Paulo. VI Colóquio de Moda. São Paulo: Anhembi Morumbi/FAPESP, 2010. v. 1. p. 1-12.

SILVA, Katiene Nogueira da. **“Criança calçada, criança sadia!”: sobre os uniformes escolares no período de expansão da escola pública paulista (1950/1970)**. Tese (Doutorado). São Paulo, USP, 2006. Disponível em: <<http://teses.usp.br/teses/dsiponiveis/48/48134/tde-29062007-152705>>. Acesso em: 20 mai. 2013.

SILVA, Rosemaria J. V. Regular e disciplinar: análise de dispositivos disciplinadores da Educação escolar na Corte Imperial. In: **IV Congresso Brasileiro de História da Educação: A Educação e seus sujeitos na História**. 2006, Goiânia. Anais do IV Congresso Brasileiro de História da Educação. Goiânia: Editora Vieira, 2006. v. 01. p. 128-129.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Vol. 15, (2), jul/dez.1990.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O Espírito das Roupas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SOUZA, Rosa Fátima de. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX: ensino primário e secundário no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2008.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Fotografias escolares: a leitura de imagens na história da escola primária**. Educar, Curitiba, n.18, p. 75-101. 2001. Editora da UFPR <Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/er/n18/n18a07.pdf>> Acesso em 08 Mai. 2015.

_____. **Uniformes do Brasil na Primeira Guerra Mundial**. Disponível em: <<http://www.sacktrick.com/igu/brazilinthefirstworldwar/uniformsarmy.htm>>. Acesso em: 08 Dez. 2013.

TAMBARA, ElomarAntonioCallegaro. *A educação no Rio Grande do Sul sob o castilhismo*. Porto Alegre: Ufrgs, 1991. Tese (doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação.

_____. REVISTA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO-RHE, Porto Alegre. V.6,n.37, mai/ago.2012.

VEIGA, Cynthia Greive. Cultura material escolar no século XIX. Minas Gerais. In: **I Congresso Brasileiro de História da Educação**. 2000, Rio de Janeiro. Anais do I Congresso Brasileiro de História da Educação. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

VICENT, Ricard F. **As Espirais da Moda**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

VIÑAO FRAGO, **Historia de la educación e historia cultural**. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n.0, p. 63-82, set./dez.1995.

WALDOW, V. R. (org.). **Gênero e saúde**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1996.

_____. **Uniforme**. Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/Uniforme.html>>. Acesso em: 09 jun. 2013.

WERKUSEN, Rejane D. **70 anos de ricas experiências e belos exemplos de vida-1938-2008**. Lajeado: UNIVATES, 2008.

ZANETI, Patricia Silveira. **A escola normal em Canguçu**:itinerário da primeira turma de formandas (1965-1970). Pelotas, RS, 2012. Dissertação (Mestrado em Educação). Disponível Universidade Federal de Pelotas, 2012. Disponível em :<http://quaiaca.ufpel.edu.br/handle/123456789/1647>, acesso em 31 mar.2015.

<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/88346/000911722.pdf?sequence=1>